

# Revolução



**R.A.S.P.**

«Soldados, sargentos e oficiais revolucionários progressistas, presentes neste bastião revolucionário em que se tornou o R. A. S. P., agradeçam a vossa solidariedade militante e afirmem que a sua contribuição será decisiva para que a nossa luta seja vitoriosa.» Forams

**PORTO**

## FORÇA POPULAR EM MOVIMENTO

**DEFICIENTES  
DAS  
FORÇAS  
ARMADAS**



pág. 3

**SETÚBAL:  
ASSEMBLEIAS  
POPULARES**



pág. 16

**A  
crise  
actual  
do  
capitalismo  
português**

pág. 10

# PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

## PORQUE SE ESPERA?

Camaradas:

Em 25 de Abril de 1974, um grupo de homens gananciosos, pouco satisfeitos com os sobejos das suas enormes pias, concretizou algo semelhante a um "golpe de Estado". É claro que nem tudo correu bem o que é natural, pois sendo o "feito" praticado por indivíduos tão mal habituados a esforços, só o contrário seria para admirar. O pseudo golpe, logo agraciado de títulos caros e significativos, apesar de bem planeado e apoiado por numerosos "fiéis defensores do bom povo" e por outros tantos "democratas de aviário", acabou por fracassar parcialmente, vítima dos erros que mais não são do que o fruto da singular onda de ideias turvas. Cavalheiros auto-classificados de exemplos patrióticos, traíram o seu "sangue azul" na satisfação das mais viciosas vaidades que, para dar nas vistas e ganhar adeptos, estava aberta à participação, em pé de "igualdade", de qualquer "por sangue" que o desejasse. Felizmente alguns calculos falharam. Sem que fosse de prever, o Zé proletário, que tantas lições de cruzar braços havia recebido, reagiu de maneira diferente. Sem hesitações pegou nas teóricas palavras que lhe lançaram e aplicou-lhe o significado na prática deixando para trás atônitos, os senhores que só demasiado tarde se aperceberam da realidade.

Como resultado de tudo isto o povo encontra-se numa situação dramática. Acontece que muita

gente acreditou na revolução e entregou-se a ela por completo, plenamente convencido que as conquistas que ia fazendo ficavam devidamente protegidas. Ora a verdade por muitos já conhecida é totalmente inversa. Todo o revolucionário está consciente de que de um momento para outro, as suas mãos facilmente serão atadas. E transportado juntamente com as suas maravilhosas ideias para sob a terra impotente, em perfeito contraste com todo o esperar que desenvolveu na sua justa luta de classe. Isso "apenas" porque não tem um braço armado que o defenda. É notório que a maioria das organizações políticas afirma constantemente estar ao lado do povo, no entanto, ainda nenhuma se atreveu a prová-lo dando armas aos trabalhadores revolucionários para que estes possam fazer avançar a verdadeira revolução. A medida que o retorno ao fascismo se aproxima intensificam-se os bombardeamentos de palavras de ordem audaciosas; mas que afinal, não passam de palavras e muito naturalmente fazem chorar de riso os conspiradores. No "Revolução" de 12 de Setembro de 75, ocupando toda a 1.ª página lia-se "UNIR, ORGANIZAR, ARMAR", e viam-se três armas. Eu penso que os revolucionários já se encontram perfeitamente unidos e organizados há muito e só esperam que por exemplo uma G/3 lhes venha parar às mãos. Porque se espera então? A melhor defesa sempre foi e será o ataque. Porquê permitir que sejam

eles a tomar a iniciativa? No momento tão decisivo como este não se pode perder tanto precioso tempo. Não será o Chile um motivo que nos leve a passar à ofensiva? É urgente armar o povo para evitar o seu massacre. Que farei por exemplo eu que apenas disponho de um corta-unhas, caso seja atacado? Vamos camaradas. Todos sabemos onde se encontram muitas e belas armas à nossa espera. Todos sabemos onde existem muitas notas em vésperas de

"voarem" para o estrangeiro, que se fossem postas ao serviço de quem as merece, seriam mais portuguesas que nunca. Estes problemas podem ser resolvidos com meia dúzia de golpes bem montados. Para um revolucionário não há barreiras. Observando as dificuldades atentamente não é difícil construir um exército em curto prazo. E é urgente esta última alternativa que nos resta. Só antecipando-se o povo vencerá.  
Saudações Revolucionárias.

### Sedes

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, 15  
ALGÉS DE CIMA Tel. 2100337

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, 40

ÂRGEA

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão, 31 Tel. 2076745

BEJA — Rua Alexandre Herculano, 29

BRAGA — R. Santa Margarida, 169. 1.º

CASTELO BRANCO — Alameda da Liberdade, 16

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10  
Tel. 2763267/2763397/2763122

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, 60

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21  
Tel. 24998

FARO — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 35

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

LAVRADIO — R. Dr. José Carcano Lobo, 12

LISBOA — Sede Central do Partido  
Rua Castilho, 70 — Tel. 48119

573520  
573640

Jornal "Revolução"  
Rua Castilho, n.º 70

LOULÉ — Av. José da Costa Mealha, 39-1.º

MARINHA GRANDE — R. Marquês de Pompal, n.º 65

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 B-C

PAREDE — R. Gomes Freire de Andrade, 1 — Tel. 2474142

PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, n.º 17

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110 — Tel. 315759/315786

S. JOÃO DA MADEIRA — R. Jaime Afreixo, 142

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, 16-17

SETÚBAL — Colégio Frei Agostinho da Cruz  
Rua Jorge de Sousa

VIANA DO CASTELO — Rua José Espargueira — Tel. 22558

### Universidades Proletárias

LISBOA — Av. 5 de Outubro, 68

## COMANDOS: <Há que ver quem são os nossos inimigos>

Camaradas Comandos

Os comandos também choram, eu já vi muitos comandos chorar, também já chorei não me envergonho de o dizer.

Já o fiz por não conseguir levar por diante a minha luta contra as injustiças cometidas pela hierarquia militar.

Também já chorei por na guerra colonial, ver ao meu lado, camaradas ficarem sem pernas.

Sim! Chorei, chorei... mas sempre o tenho feito de cabeça levantada. Porém, e ao saber pela rádio que as vossas chaimites avançaram sobre os Deficientes das Forças Armadas, que mais não tinham para se defender, do que moletas e cadeiras de rodas, sobre eles que mais não pedem que seja feita justiça, que lhes seja devolvida a sua dignidade de homens que efectivamente o são... aí, e pela primeira vez eu chorei de vergonha. Não de vergonha pelo que sou nem pelo que fui, mas de vergonha

pela cobardia e pela subserviência por vós demonstrada.

Errar é próprio do homem, nós comandos não somos máquinas.

Houve um erro há que repará-lo, há que ver quem são os nossos inimigos!... CAMARADAS, os nossos inimigos são os inimigos dos Deficientes das Forças Armadas, são os inimigos das Comissões de Moradores, das Comissões de Trabalhadores, são os inimigos dos "SUV" e do Poder Popular.

Portanto camaradas, o nosso primeiro passo tem de ser: saber quem são os nossos inimigos! Se o conseguirdes, então não tenho dúvidas camaradas no Regimento de Comandos da Amadora não serão mais cumpridas ordens de e para repressão do povo explorado e de que, dentro do próprio Regimento, não haverá mais lugar, para coroneis fascistas.

"O quadrado da 2045"

S.F.C.A.

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO  
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



# Revolução



## DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS

primeiras convocatórias, primeiras reuniões e primeiros deficientes a aderir. Foi portanto criada uma certa representatividade de deficientes na direcção da Associação. Houve, como não podia deixar de ser, grandes tentativas de boicote por parte de organizações saudosas como a Liga dos Combatentes, nomeadamente através do senhor coronel Moutinho das Neves que assistia às reuniões dos deficientes, dizia a tudo que sim, e nas costas ia tentar aliciar os mais desprevenidos com a "Liga", dizendo que lá é que era bom, que

eles deviam ir para lá, etc., além de dizer também que aqueles que estavam a trabalhar para a formação da Associação eram um grunhido, umas criançolas que não chegavam a resolver nada, enfim, tentativas de boicote directo, desde esse coronel aos majores que por lá passavam e até ao, nessa altura ministro, Firmino Miguel.

De qualquer maneira, contra tudo e contra todos, a Associação veio a ficar formada em 14 de Maio e reconhecida mais tarde com publicação no Diário do Governo, etc.

Há muita gente que diz que nós esperávamos pelo VI Governo para "passar ao ataque", mas isso é mental! Se fosse o V Governo que cá estivesse, era contra o V que nós íamos. Nós não estamos a atacar o V ou o VI Governo especificamente, mas sim toda a estrutura do capital, da burguesia.

**REVOLUÇÃO** — Quais as vossas reivindicações que constam do decreto e como julgamos que vocês em princípio pretendiam mais qualquer coisa que não conseguiram que constasse no decreto, gostaríamos que nos explicassem o que era e porque é que não constou no decreto.

**RESPOSTA** — No decreto constam dois tipos de reivindicações: de carácter social e salariais. A parte mais importante é sem dúvida, as reivindicações sociais. Ai, nós pretendemos fundamentalmente não ser um peso morto para o país, mas produzir em relação às nossas possibilidades físicas e psíquicas; de qualquer modo, o falar-se em possibilidades físicas é muito subjectivo.

### ORGANIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO

Quando às maneiras como se conseguiu organizar e mobilizar os Deficientes, foi numa base reivindicativa, no sentido de serem criadas condições para toda a gente, principalmente para os mais desfavorecidos, já que as leis fascistas que existiam, eram como é lógico, muito boas para os oficiais, remediáveis para os sargentos e péssimas para os soldados, desde inde-

primeira forma de luta, foi a ocupação do palácio da Independência por volta de Novembro de 1974 saindo em seguida em manifestação.

Nós, efectivamente já lá tínhamos duas pequenas salas que nós tinham sido dadas quase por caridade e nós tínhamos que andar constantemente "ó tio, ó tios" para ver se conseguíamos mais qualquer

# Reivindicações justas numa luta reprimida e caluniada pela direita

Como é que surgiu a Associação, e como é que se organizaram antes e depois do 25 de Abril?

**RESPOSTA** — A Associação não surgiu por acaso. Surgiu como fruto de uma experiência de luta clandestina de denúncia da guerra colonial, formada por um grupo de Deficientes que todos os dias viam nos hospitais os resultados de uma guerra injusta e fratricida. Como resultado desta constatação diária, verifica-se um despertar de consciência política que antes não existia.

Começa aí toda uma série de reuniões e debates, em que foram sempre observadas cada vez mais as realidades, em que se via o trabalho negativo da Liga dos Combatentes da Cruz Vermelha Portuguesa e do Movimento Nacional Feminino, as condições de miséria a que os soldados eram submetidos quando evacuados, e foi então elaborado um caderno reivindicativo a

entregar a Marcelo Caetano. Depois de ter sido exigido pelo menos 500 assinaturas para que o caderno fosse estudado, imediatamente se começaram a juntar esforços para conseguir essas assinaturas de qualquer maneira essa recolha foi feita abaixo de uma certa desmobilização porque simultaneamente algo de muito mais importante se estava a preparar — o 25 de Abril. Havia contactos para que os deficientes participassem nessa preparação e viu-se então que a entrega do caderno reivindicativo da maneira como estava elaborado nem se justificava se realmente se conseguisse derrubar o regime numa perspectiva não só de destruir os governantes mas também as próprias estruturas. Foram elaborados dois documentos de denúncia aos órgãos contrários ao Movimento de Capitães, um deles elaborado por deficientes e outro em que estes colaboraram.

menizações, a assistência médica; como a maioria dos Deficientes eram soldados havia que pensar rapidamente numa nova legislação, numa remodelação total que viesse colocar esses homens no cao da Revolução partindo do princípio que se lhes iam criar condições de vida. Através desse processo reivindicativo, largos sectores de deficientes aderiram à luta, e foi iniciado imediatamente um processo democrático, em que qualquer tentativa cupulista (que as houve) era inevitavelmente desmascarada e ultrapassada. Começou-se então toda uma luta de libertação do obscurantismo, da caridade, surgiram as palavras de ordem "Contra a esmola", "pelo direito ao trabalho", e foi assim usada toda uma política que visava não só a emancipação do deficiente, como a destruição das estruturas feitas só para atender às minorias privilegiadas, criando novas estruturas a todo o nível sendo assim, é travada uma luta para a construção de uma nova sociedade que não é só para os deficientes mas para todo o povo explorado, já que nós nos enquadrámos na luta de classes existente neste país.

**REVOLUÇÃO** — Qual a vossa primeira forma de luta, e em que termos é que se processou?

**RESPOSTA** — Pois a nossa



coisa; os responsáveis não nos ligavam absolutamente nada.

Na manifestação que fizemos na altura conseguimos ser recebidos por Vasco Gonçalves, que nos deu poderes para participarmos na legislação que foi depois apresentada em conjunto com o Ministério da Defesa, a base dessa legislação foi aprovada e depois do decreto estar feito depois de muitas noites perdidas na sua feitura, chegamos ao Ministério das Finanças e ele diz que não há verbal! Claro que nós fomos dando prazos, primeiro até 7 de Julho, depois até dia 26 e finalmente mais três semanas, findas as quais se o decreto não saísse, nós avançávamos com novas formas de luta e rígidas.

vo, dado que existem camaradas que sem os dois braços estão empregados num escritório, a trabalhar oito horas por dia a uma secretária, fazendo o mesmo trabalho que outros, ao seu lado, com braços naturais.

No campo da saúde, batemo-nos porque seja possível um Serviço Nacional de Saúde capaz de responder às necessidades não só dos deficientes, claro, mas de todo o povo português. No caso dos deficientes nota-se uma urgência flagrante, dado que, por exemplo, as próteses de que grande parte dos deficientes precisam, só existem em Lisboa e Porto. Há

### DEPOIS DO 25 DE ABRIL

Quando surgiu o 25 de Abril, havia vários deficientes que, na sua condição de militares, estavam incorporados nele, que, posteriormente, conhecedores de toda a gravidade do problema dos 30000 deficientes das guerras coloniais e dos familiares dos 11000 mortos, sentiram a necessidade, até por

conhecimento histórico de que nos outros países, essas forças costumam ser um campo fértil aproveitado por forças contrarrevolucionárias, sentiram pois a necessidade de congregar todos os deficientes à volta duma associação de características revolucionárias. Surgem então as

# VI GOVERNO

# Transição para o fascismo ou... para a insurreição

### MINISTROS

ADMI. Interna — Almeida e Costa (Social-democrata)  
Neg. Estrangeiros — Melo Antunes (Social-democrata) — Subscreveu doc. 9  
Comércio Interno — Magalhães Mota (PPD)  
Comércio Externo — Jorge Campinos (PS)  
Agricultura — Lopes Cardoso (PS)  
Educação — Vitor Alves (Social-democrata) — subscreveu Doc. 9  
Trabalho — Cap. Tomás Rosa — aderiu ao Doc. 9  
Indústria — Eng. Marques do Carmo (Social-democrata)  
Equip. Social — Veiga de Oliveira (PCP)  
Transportes — Walter Rosa (PS)  
Com. Social — Almeida Santos (Social-democrata)  
Finanças — Salgado Zenha (PS)  
Justiça — Ribeiro Farinha (Social-democrata)  
Assuntos Sociais — Sá Borges (PPD)

Medeiros Ferreira — N. Estrangeiros (PS)  
Aquilino Ribeiro Machado — Habitação (PS)  
Machado Rodrigues — Transportes (PS)  
Joaquim Lourenço — Fomento Agrário (PPD)  
Rua Graciosa — Orientação Pedagógica (PS)  
João Seabra — Ensino Superior (PPD)  
Armando Bacelar — Justiça (PS)  
Carlos Macedo — Saúde (PPD)  
Gonçalo Ribeiro Teles — Ambiente (PPM)

O VI Governo não apareceu por acaso. Veio na ordem lógica do avanço da direita de que a burguesia nacional e o Imperialismo sentiam necessidade, para responder à organização popular que se começou a reforçar no VI Governo. Nessa altura, apesar da tentativa de controlo do reformismo, com o descarado aproveitamento da pessoa de Vasco Gonçalves, e todo o tipo de acuações oportunistas (desde as Câmaras Municipais aos Sindicatos, passando até por certas Comissões de Trabalhadores e Moradores) as massas populares começaram a consolidar as suas conquistas e a avançar com perspectivas que assustaram verdadeiramente muito "boa gente".

Havia que dar resposta a este começo de organização popular, e o primeiro passo era desencadear um ataque suficientemente forte, que conseguisse depor Vasco Gonçalves por um lado, e travar os revolucionários por outro; a seguir

### Como se rege este VI Governo

Houve o cuidado, por parte dos órgãos de direito, de dar a conhecer quais seriam os programas base por que se ia reger o actual governo. Grande parte das pessoas não terá estranhado, ao ouvir falar no P.A.P. como documento guia, e dos ambíguos Programa do MFA e pacto com os partidos. Concerteza que se estranhou, foi terem tido o descaradamente de nem sequer mencionar o documento-guia MFA-PQVO, mostrando assim o jogo de direita a que se estavam propondo. Só para se ter uma pequena ideia de certas passagens do P.A.P. e que se enquadram bem com as medidas actualmente tomadas

esse, e como se verificou, começam (ou continuam, com muito mais força) os saneamentos à esquerda nas forças militares, o ganhar de posições estratégicas pela social-democracia, enfim, toda uma jogada bem preparadinha pela social-democracia europeia ao serviço do Imperialismo.

Paralelamente à necessidade de resposta ao movimento popular, havia uma degradação económica que se ia agravando diariamente e para a qual só haverá dois tipos de resposta: ou o controlo da economia pelos trabalhadores, ou a recuperação de todo o processo através do estreitamento de relações com a social-democracia e consequente aumento de possibilidades da entrada do fascismo em Portugal devido à necessidade de repressão por parte da social-democracia. Logicamente, a degradação económica foi imediatamente aproveitada e usada pelos sociais-democratas, apresentando-se como os salvadores da economia, os "europeus", os "desenvolvidos".

transcrevemos o seguinte parágrafo "...certas manifestações de esquerdismo pseudo-revolucionário ainda que por vezes bem-intencionado, tendem a criar situações anarquizantes, profundamente perturbadoras de um processo revolucionário coerente, resultando objectivamente um reforço ao jogo declarado daqueles que dizem ou pretendem combater. Concluir-se assim, que só o exercício de uma autoridade firme, embora não essencialmente repressiva (?) poderá ganhar o sucesso da revolução em que o MFA e o povo português se encontram empenhados". (Faz-se notar as parencas com o texto do

"Documento dos 9", parencas que muitos querem iludir).

Parece não haver muitas dúvidas, que as tais "manifestações de esquerdismo pseudo-revolucionário" são identificadas pelos senhores ministros como as posições do Rádio Renascença, as manifestações dos S.U.V. e adesões a nível nacional, enfim, tudo o que incomoda a burguesia, é por eles apelidado de "esquerdismo pseudo-revolucionário".

A propósito do Rádio Renascença e em geral dos órgãos de Informação o P.A.P. também se ocupa deles! Depois de dizer que "urge iniciar uma transformação profunda das estruturas dos órgãos e serviços de comunicação social" frisa que terão que "refletir as posições do MFA" e mais à frente dá a conhecer que é necessário o "controlo da Rádio e Televisão estatais, a fim de se fazer cbeigar ao conhecimento público, e de uma forma sistemática, a posição e doutrina do MFA sobre a prática política e os acontecimentos da vida nacional".

Agora perguntamos nós: que doutrina? Que MFA? Bom, se nos falarm na doutrina do MFA que está

no governo, na Assembleia do Exército e da Força Aérea (e tudo indica que é assim) é de se começar a pensar seriamente em fazer um verdadeiro saneamento desse MFA... E criar um MFB.

Além de tudo isto, não nos esqueçamos das afinidades deste documento (P.A.P.) com o documento dos 9 Conselheiros. Perante tudo isto, uma coisa é certa: o VI Governo é o resultado de inúmeras tentativas da Social-democracia e do Imperialismo

para terem controlo sobre as massas populares, de maneira a evitar decisivamente o seu avanço, a sua posição firme que põe já a curto prazo a questão da tomada do poder e a ditadura do proletariado. Para isso, tinha que vir a existir também a muito curto prazo um governo repressivo e declaradamente defensor da social-democracia, primeiro passo para o fascismo, pela própria necessidade da burguesia exercer a repressão para se manter no poder.

### Primeiras medidas repressivas

Pouco tempo depois do VI Governo tomar posse, verificaram-se as primeiras medidas repressivas, com o aumento de saneamentos à esquerda e que culminou com a prisão dos soldados Pinto e Figueiredo da E.P.I. de Mafra por terem panfletos dos S.U.V. em sua posse.

Estas medidas vieram mostrar aos trabalhadores que ainda tivessem dúvidas sobre o governo (que até tinha, diziam muitos, gente de esquerda lá dentro...), que esse mesmo governo não tinha pro-

blemas nenhuns em usar da repressão assim que teve poderes para isso, e que nem os tais "progressistas" nos salvavam, se não fossem os próprios trabalhadores a tomarem uma posição de força, que mostrasse bem a vontade inabalável de seguir com o processo revolucionário, e impor a vontade dos órgãos de poder popular, seus verdadeiros representantes. Não podiam os trabalhadores de maneira nenhuma permitir que se comesse a brincar com as suas conquistas e muito menos com as suas aspirações.



O VI Governo não veio por acaso. Veio na ordem lógica do avanço da direita...

### Primeiras respostas populares

Como é lógico, a resposta popular não se fez esperar, e basta ver-se a afluência de trabalhadores "fardados e de fato-macaco" à manifestação convocada pelos S.U.V. no dia 25 de Agosto em que foram libertos os dois soldados de Trafaria e onde foram gritadas quase que constantemente as palavras de ordem "REACCIONÁRIOS FORA DOS QUARTÉIS, JÁ" e

### "PORTUGAL NÃO SERÁ O CHILE DA EUROPA"

Ficou dito bem alto que os trabalhadores juntamente com os soldados não estavam dispostos de maneira nenhuma a ceder um só passo das conquistas alcançadas nem tão pouco a serem dominadas e reprimidas por um governo de direita.

### A repressão continua

Mas como era de esperar, o governo, a social-democracia e o imperialismo, não desarmaram porque o que eles têm a jogar, é muito, é o poder de oprimirem, a possibilidade de continuarem na mó de cima.

Começam então todas as medi-

ções conhecidas e identificado Jaime Neves que dispararam tiros para o ar, dando também cobertura à saída dos Ministros. Facto curioso, é que consta que houve ministros que saíram de pistola em punho; Isto mostra-nos que, primeiro eles têm efectivamente medo da vontade popular, e depois eles próprios sentem que não são efectivamente representantes do povo, e cada vez serão menos.

Mas havia necessidade de reprimir mais, já que a resposta por parte dos trabalhadores era maior. É criado (ou tenta-se criar) o A.M.I. (Agrupamento Militar de Intervenção) grupo com as mais chapadas estruturas repressivas, para repressão armada sobre os trabalhadores. Vão tentar ser aproveitados os soldados dos Comandos, a GNR e a PSP, e aqui cabe mais uma vez

das repressivas nomeadamente sobre os Deficientes das Forças Armadas: na concentração popular que esperava o resultado da Assembleia de Ministros em que estaria a ser estudado o decreto-lei; perto das duas horas da manhã, chegaram os Comandos com o já

## O PRP - BR e a «inventona» do P.S.

### COMUNICADO

Nas últimas horas têm vindo a público comunicados do PS, acompanhados dum onda de boatos posta a correr contendo o mesmo sentido desses comunicados, os quais pretendem alarmar a população em relação a um suposto golpe militar desencadeado pela esquerda revolucionária, dando detalhes e revelando planos, com a imaginação que é própria de quem, realmente, está habituado a elaborar planos de outros golpes. Essa provocação montada pelo PS visa a justificação de medidas repressivas sobre a esquerda revolucionária e tem por objectivo encontrar um alibi para a tentativa de movimentações da base social do PS e de todos os partidos da direita, no sentido de apoiarem uma viragem à direita ou mesmo um golpe fascista.

A direcção do PS toma, assim, a responsabilidade de encobrir e encabejar toda a movimentação da direita, preparando o terreno para um golpe fascista dos mais violentos. Nesse aspecto é necessário alertar a população para o facto de que o golpe militar fascista se está a desenrolar dentro do actual poder, avançando com o apoio de grande maioria dos homens do Governo e do Conselho da Revolução. E o PS corresponde exactamente ao partido da pequena burguesia que, a breve trecho, se transformou na esperança da média e da grande burguesia.

E isto passa-se porque a proposta social-democrata, assente numa estrutura de democracia burguesa parlamentarista "pluralista", nunca poderia vingar, dado o estado de crise da economia portuguesa, sem que tivesse que lançar mão da repressão, tomando rápidas e sucessivas medidas contra os trabalhadores. O VI Governo é o governo da burguesia desesperada contra os trabalhadores e contra o processo revolucionário. E o avanço do poder da classe operária, dos trabalhadores rurais e dos camponeses pobres de algumas zonas têm amedrontado cada vez mais os senhores sociais-democratas, ponta de lança do Imperialismo neste país. Mas sobretudo têm medo do avanço da organização dos SUV, de que a manifestação do dia 25 foi uma demonstração poderosa. E têm razão para ter medo, porque quando quiseram ter soldados para cumprir a ordem vergonhosa de ocupação das rádios, não conseguiram ter pessoal para o fazer, conseguindo o contrário que foi que essa ocupação se transformasse na defesa militar da E.N. e do R.C.P. para as manter ao serviço dos trabalhadores deste país. Os fascistas, o PS, o Conselho da Revolução, o Governo, não conseguem soldados para fazer cumprir nenhuma ordem! Bem podem gritar histéricamente pela "disciplina", que a única gente que conseguirão serão mercenários, que levam tempo e dinheiro a organizar. Por isso irão, de desespero em desespero, recorrendo a actos cada vez mais fascistas. A constituição do AMI, contrapondo-o ao COPCON, responsável até à data por uma acção revolucionária ao lado dos trabalhadores, é já a organização dum comando militar fascista. Mas com um problema — sem soldados.

O PS e os seus acólitos são, assim, os encobridores do ELP, que eles dizem ser servido pelas acções dos revolucionários, mas que se serve e bem das acções do PS. E de resto pergunta-se: estando em curso o desmantelamento do ELP, tendo sido atingidas importantes células da organização, qual é o contributo dado pelo PS a esta acção? Quem desmantela o ELP: os senhores do PS ou os revolucionários realmente interessados em derrotar a direita? Nós sabemos e provamos que são os revolucionários que o fazem. O inimigo para o PS é a esquerda.

Na esquerda revolucionária e o PRP-BR (citado claramente nas entrelinhas dos panfletos provocatórios do PS) não estão interessados em golpes militares. Esses são bons para a burguesia; a burguesia é quem pretende mexer unidades militares como quem mexe piões. O PRP-BR defende a perspectiva da insurreição, a qual só será possível com o armamento dos trabalhadores, responsabilizando os seus órgãos de poder eleitos. Este tipo de movimento passa pela movimentação das massas populares, a que aliás se tem assistido intensamente nos últimos dias, mas que só conduzirá ao poder se as largas massas de trabalhadores estiverem armadas. É da conjugação deste imprescindível factor com os militantes revolucionários armados, com os oficiais revolucionários e sobretudo com os soldados, que nascerá o movimento insurreccional que há-de derrubar o VI Governo e os palhaços sociais-democratas, que há-de derrotar os sinistros senhores que estão na sombra e que há-de impor a ditadura do proletariado, que é o poder popular. Isto à luz do dia, sem esquemas e sem conspirações: a maioria da população são trabalhadores — logo os conspiradores da burguesia é que têm que se esconder, os revolucionários podem bem mostrar o jogo todo.

# Avança a organização autónoma de ocupantes

Convocado pelo Secretariado das Comissões Revolucionárias Autónomas de Moradores e Ocupantes — CRAMO — Houve no dia 4 de Outubro o 1.º Plenário de Ocupantes de Lisboa. As várias centenas de ocupantes (que eram quase toda a assembleia) pelas posições rigorosas que tomaram, mostram bem que tinham ultrapassado em muito o espontaneísmo das primeiras ocupações. Algumas

intervenções foram extraordinariamente reveladoras de uma consciência de classe, de uma consciência revolucionária que se adquire na luta, nas noites seguidas de vigilância a temer a chegada do senhorio e dos seus laçaios e sobretudo nos encontros frequentes com os camaradas explorados do bairros, encontros que chegam até à organização das Comissões de Moradores.

do desalojamento. Ele sabe quais as condições que os partidos da burguesia puseram ao Primeiro-Ministro da burguesia no que diz respeito a ocupações. Mas o que eles não sabem é que quanto mais a burguesia avança mais os trabalhadores se organizam e avançam também. Mais os campos se definem e o inimigo de classe se demarca. Isto é tanto mais claro se pensarmos nas intervenções dos camaradas ocupantes a quem os senhorios ofereceram contratos e que os recusaram por compreenderem a cartada que estava a ser jogada.

A par das tentativas de desmobilização feitas pelos senhorios há ainda os joguetes das Juntas de Freguesias e mesmo da Câmara que, para afastarem os ocupantes das suas comissões lhes oferecem agora em bandejas os contratos de água e luz. Foi por tudo isso que o Plenário foi necessário. Que foi urgente que os ocupantes percebessem que a sua luta não é uma luta por fins imediatos, mas uma luta que se enquadra na luta mais geral dos explorados contra os exploradores.

### PORQUÊ O PLENÁRIO?

Desde Junho que alguns camaradas do Secretariado se bateram para que se fizesse um plenário em que se encontrassem novas formas de luta para o processo revolucionário dos moradores explorados, um plenário remobilizador dos muitos ocupantes que por várias razões, ameaçavam ficar à margem desse processo... Na verdade, o impasse político prolongado reflectiu-se também como era inevitável, na luta dos ocupantes que caiu ela própria num impasse. Se por um lado estes não viram muitos dos seus problemas resolvidos, já que os

senhorios se recusam a fazer obras nas casas que eles próprios deterioraram, já que algumas casas continuam sem água, sem luz, sem portas, por outro os senhorios mais astutos do ponto de vista da exploração, aliciavam os ocupantes com ofertas de contrato de arrendamento, na tentativa de arrastar os trabalhadores ocupantes do verdadeiro sentido da sua luta e desmobilizá-los. Porque os senhorios sabem bem que um dos problemas que se põem ao ocupante é o problema da insegurança. Ele sabe que, sobretudo com o aparecimento do VI Governo Provisório, são mais noites que o ocupante passa em claro à espera

### AS CASAS NÃO SÃO MAIS DOS PROPRIETARIOS BURGUESES SÃO DOS OCUPANTES

Os ocupantes perceberam bem que não há já nada a negociar com os senhorios. Eles perceber que com contrato ou sem ele a situação real é a mesma. Os contratos burgueses são para a burguesia,

por isso as casas são suas e os senhorios que até agora estiveram a limpar as mãos para os problemas imediatos dos ocupantes, não têm mais direito a elas. Haverá que estabelecer uma renda à casa, consoante o seu estado, os rendimentos do agregado familiar, o número de filhos mas essa renda revertirá a favor dos interesses dos moradores, para obras, para outros fins a estudar.

### ESTAMOS FARTOS DE ESPERAR

No entanto, é a partir de objectivos concretos que as pessoas se mobilizam. Há que aproveitar todos os caminhos que contribuem para a mobilização e organização dos explorados.

em que se definiram duas posições

distintas, os ocupantes tiveram a última palavra a dizer com a proposta que aprovaram.

Por um lado havia a posição de alguns que defendiam que não se podia avançar sem organização. Ao que muitos perguntaram que organização?? "A que se faz nos escritórios? Essa não a queremos. É

para a burguesia, ela é que se organiza em escritórios. Nós organizamo-nos na luta. Foi na luta que nos organizamos até agora, que ocupámos as casas, que conseguimos ir até às Comissões Revolucionárias Autónomas de Moradores. Estamos fartos de Esperar!

Assim, foi aprovada uma proposta de manifestação de Ocupantes com Trabalhadores, Soldados e Marinheiros que levará à ocupação da Câmara com a exigência da assinatura de uma garantia de habitação.

Foram taém aprovadas moções de apoio aos soldados do RALIS e da PM e aos Deficientes das Forças Armadas. Também se marcou o apoio aos trabalhadores do jornal República e da Rádio Renascença e o repúdio do VI Governo.

### A PRIMEIRA VITÓRIA

Durante o Plenário fez-se a mobilização da Assembleia para impedir o julgamento de uma camarada ocupante que iria ser julgada no dia 6 no Tribunal de Justiça, seundo as leis da burguesia, sendo o crime o acto revolucionário de ocupação.

Compreendendo esta contradição, no dia do julgamento e, apesar de ser num dia de trabalho às 2h, havia pessoas suficientes para impedirem que o julgamento se desse.

Dezenas de Ocupantes apropriaram-se do processo que ficou nas mãos do Secretariado. A ocupante em causa a quem o senhorio partiu um braço durante

### ULTIMA HORA

Entretanto a burguesia tenta já dar a sua interpretação e resposta a este acto revolucionário. O jornal "O Século" de 7 de Outubro, publica uma reportagem caluniosa

uma das suas investidas a casa, mostrava como todos os camaradas a sua determinação de prosseguir a luta até à vitória final dos explorados.

sobre o boicote ao julgamento. A Presidência da República vomita também um comunicado em que condena a acção dos ocupantes junto ao Tribunal e propõe-se tomar medidas repressivas para com os "responsáveis"

## 1.º PLENÁRIO DE OCUPANTES DE LISBOA

# UNIR, ORGANIZAR, ARMAR A CLASSE

A actual situação militar do país caracteriza-se, ao nível da cúpula, por uma profunda divergência dos diversos blocos em questão (ver, a propósito do artigo do último "Revolução" intitulado "Trabalhadores: peguem em armas"), enquanto que, ao nível da base, se verifica uma crescente unidade dos soldados e marinheiros na sua organização autónoma e apartidária — os S.U.V.

A extrema gravidade desta situação militar, que coloca o confronto armado como um acontecimento susceptível de ser desencadeado ao mínimo "incidente" impõe, a todos aqueles autenticamente comprometidos na construção do Exército Revolucionário as seguintes tarefas prioritárias: ORGANIZAR, UNIR E ARMAR A CLASSE.

## S. U. V. unidade ou divisão?

Neste contexto, a organização autónoma e apartidária dos soldados, sargentos e oficiais revolucionários (SUV — Soldados Unidos Vencerão) assume uma extraordinária importância, uma vez que cabe a todos os militares revolucionários, não apenas a organização e união em torno de objectivos reivindicativos e anti-militaristas, mas também pensarem seriamente na questão do armamento da classe em termos não partidários, o que implica e supõe uma prática consequente.

No momento em que ruiam completamente as esperanças dos que, de um modo lírico, pacifista, e paternalista, admitiam caber aos oficiais progressistas a condução do processo revolucionário, a organização autónoma e apartidária dos soldados, sargentos e oficiais revolucionários é, pois, urgente e imprescindível.

De resto, o MFA é já um cadáver incapaz de ressuscitar, por muito que alguns míopes políticos, à boa maneira reformista de conciliação de classes com interesses antagonicas, persistam na trágica ilusão — recordemos, a propósito a morte dos 40 mil anti-fascistas chilenos — de conciliar o inconciliável.

No entanto, apesar da tensão existente ao nível da superestrutura militar, há organizações políticas que, quer por querer o poder para o seu partido, quer por ainda não terem o partido que, no seu dizer, há-de tomar o poder, pretendem prolongar artificialmente o equilíbrio instável existente na referida superestrutura militar. Estas organizações sabotam, hesitam e traem, de uma forma criminosa e irresponsável, quer a unidade dos militares revolucionários com os civis revolucionários, quer a Frente Unitária anti-capitalista e anti-imperialista que são os S.U.V.

Realmente, não há qualquer argumentação revolucionária que justifique a apressada formação da ARPE (Acção Revolucionária de Praças do Exército) ou a posição reaccionária que a CDAPE (Comissão Dinamizadora do Associativismo de Praças) assumiu na véspera

da grandiosa manifestação dos S.U.V. no dia 25 do mês passado. De resto, mau grado estas estruturas que os reformistas controlam não terem convocado os militares para a referida manifestação, a verdade é que, ignorando claramente as manobras forjadas com intuítos partidários e revisionistas, muitos militares afectos à orientação reformista estiveram presentes na jornada que os S.U.V. levaram à cabo em Lisboa...

E não nos referimos apenas a soldados e marinheiros — pensamos também em militares como o major Costa Martins (ex-ministro do trabalho), o coronel Varela Gomes e ainda outros oficiais da, parece que extinta, 5.ª Divisão, que assim ultrapassaram a disciplina do passado.

Por outro lado, existem organizações de soldados e marinheiros que, pretendendo caminhar "na luta pela Independência Nacional e pela Democracia Popular" e ainda "contra a militarização fascista e pela democracia nos quartéis", assumem uma hesitante expectativa perante a realidade que são já os S.U.V. a nível nacional.

No momento em que a organização autónoma e apartidária dos soldados e marinheiros caminha

## AMI a social-democracia precisa de reprimir

Por outro lado, também a formação do Agrupamento Militar de Intervenção) é uma atitude contra-revolucionária que, ao pretender criar uma força militar operacional reaccionária e capaz de cumprir docilmente as ordens repressivas e anti-populares dos actuais governantes, mais não é do que a formação de um contra-COPCON, isto é, de um órgão militar capaz de fazer aquilo que o COPCON sempre se recusou a fazer: reprimir os trabalhadores.

## — tarefas prioritárias de todos os revolucionários para a construção do EXÉRCITO REVOLUCIONÁRIO



MANIFESTAÇÃO DOS SUVs NO PORTO

decisivamente em frente — lembremo-nos, a propósito, de importante vitória que obtiveram na semana passada as praças do RAB (Regimento de Artilharia de Beja) — qualquer manobra que contribua objectivamente para o enfraquecimento da unidade dos soldados e marinheiros é, seja qual for o pretexto invocado, uma atitude não apenas reformista mas também contra-revolucionária.

Com efeito, pensamos que é um gesto criminoso e politicamente contra-revolucionário contribuir, por qualquer forma, para a divisão dos militares revolucionários e para a desarticulação entre os militares e civis revolucionários.

É isto porque estamos numa situação em que os "comandos" intervêm nas ruas de Lisboa com a brutalidade e o reaccionarismo que se viu em S. Bento (a propósito do cerco que os Deficientes das Forças Armadas fizeram ao referido palácio) e na estação emissora da "Rádio Renascença", na Buraca.

Amadora, transferência esta feita nas costas de Otelo Saraiva de Carvalho, comandante da Região Militar de Lisboa, e com a autorização do actual Primeiro-Ministro...

Num momento em que o próprio C.R. se vê obrigado a discutir a eventual duração daquilo a que, ironicamente, chama "Comuna de Lisboa", admitindo mesmo a possibilidade do actual governo ter de se ausentar de Lisboa para uma cidade do Centro do país(!), é bom termos presente que o deputado do PS José Luís Nunes pediu na Assembleia Constituinte a criação urgente de uma policia de choque...

Finalmente, também a intervenção de forças militares no CICAP,

levando a efeito a dissolução desta unidade que havia sido ordenada por Pires Veloso, comandante da Região Militar do Norte, constitui matéria de reflexão para todos os que tinham ilusões quanto à possibilidade da social-democracia ter uma política que não enveredasse pela repressão.

Mas o feitiço pode-se voltar contra o feiticeiro, isto é, o aparelho repressivo pelo qual os social-democratas tantos choram hoje, há-de ser o mesmo aparelho que, caso o fascismo se volte a implantar em Portugal, reprimirá os revolucionários e mesmo alguns antifascistas do PS.

## NÃO ao golpe de «esquerda»

Tudo isto se insere na escalada que as direitas, sob a capa hipócrita da social-democracia, têm feito aos órgãos do actual poder político e militar (Governo e Conselho da Revolução) pelo que é, de facto, indispensável a unidade de todos os revolucionários.

Mas a unidade dos revolucionários civis e militares não visa apenas a chamada "auto-defesa" das massas populares.

Com efeito, encontramos-nos numa situação em que, com toda a clareza, devemos saber tirar as devidas conclusões da inoperância e falta de autoridade dos actuais governantes, uma e outra frutos da política contra-revolucionária que nos tem sido imposta.

Se, de facto, as tarefas do momento consistem em ORGANIZAR UNIR E ARMAR A CLASSE,

parece-nos indispensável que todos os revolucionários, através dos organismos autónomos e apartidários da classe, saibam pôr esta palavra de ordem em prática.

É que a tomada e exercício do poder dos trabalhadores não se faz por meio de "golpes de esquerda", por melhor que seja a intenção de alguns dos que nele participem.

A única saída para o processo, tal como o PRP-BR sempre o tem ditado, está na insurreição armada, o que só é possível através da criação de um Exército Revolucionário composto pelos trabalhadores armados, por milícias de militantes e pelos revolucionários das actuais Forças Armadas.

A criação deste Exército Revolucionário é fundamental e urgente, por que sem ele a Revolução Socialista é impossível.

# CAP. FERNANDES NA MUTUALITÉ, EM PARIS:

## «Para transformar qualquer exército burguês num exército popular revolucionário, há que destruir as suas estruturas militaristas...»

No dia 31 de Setembro realizou-se na Mutualité em Paris um comício de solidariedade com Portugal no qual participaram as organizações francesas, Revolution e Pour le Comunisme e as organizações portuguesas PRP-BR e MES.

Durante o comício foi escutada uma gravação com a mensagem do Capitão Fernandes que a seguir reproduzimos.

### CAMARADAS:

A oportunidade que me dais de vos dirigir uma mensagem permiti-me, em primeiro lugar, saudar o significado da vossa solidariedade para com o processo revolucionário português, demonstração inequívoca de que os trabalhadores franceses estão dispostos a apoiar a justa luta do Povo português pela vitória da revolução e pela instauração do Socialismo em Portugal.

E todos sabemos, camaradas, que a revolução portuguesa é um marco extraordinariamente importante no processo histórico e europeu ocidental pelo que, ao lutardes ao lado dos trabalhadores portugueses, vós contribuis para o avanço da vossa própria luta em França como no resto da Europa. Por termos consciência da importância de manifestações como a que agora se realiza devemos procurar, todos juntos, umas formas de luta que nos permitam responder taco a taco às manobras da burguesia nacional e internacional, do capitalismo e do imperialismo que em Portugal como em França, ousam dividir os trabalhadores e entravar a sua luta, mantendo privilégios à custa do trabalho dos explorados e oprimidos de todo o mundo.

Em Portugal a reacção perdeu algumas batalhas importantes depois do 25 de Abril pois, os revolucionários portugueses têm sabido encontrar, nos momentos de maior perigo, a Unidade indispensável para responder adequadamente aos golpes inimigos. Mas a burguesia, o capitalismo e o imperialismo não desarmam facilmente pois sabem tratar-se de uma luta decisiva para a sua sobrevivência e para a manutenção da exploração do Povo português e dos Povos irmãos das colónias, com especial acuidade no que concerne a Angola onde está a reacção e o imperialismo têm atacado e criado dificuldades, por diversas formas, ao único movimento de libertação angolano, o MPLA; como por outro lado, têm dado apoio político, militar, técnico e financeiro, a organizações que se intitulam representativas do Povo angolano mas são, efectivamente, perigosas armas ao serviço do

neo-colonialismo, do capitalismo e do imperialismo internacionais, como a sua prática de permanente traição aos interesses angolanos sobejamente comprovam.

Há pois que unir esforços para, mais uma vez, enfrenar e vencer a reacção cuja ofensiva recomeçou em Portugal depois da aprovação, pela Assembleia do MFA, do projecto de aliança MFA-Povo.

Este importante documento abrindo as portas à institucionalização do Poder Popular constitui forte motivo de alarme para todas as forças reaccionárias e levou-as a planejar e desencadear vários e sucessivos golpes articulados, que enumeraremos, para se compreender a actual situação política em Portugal e encontrarmos a saída correcta para esta fase do processo.

Começou a reacção por explorar o justo descontentamento dos camponeses e da pequena burguesia do Centro e Norte do país, face à inoperância de sucessivos governos provisórios, como aliás já foi suficientemente clarificado na "proposta de trabalho de alguns oficiais do COPCON" para merecer atenção mais prolongada.

A vaga de violência contra-revolucionária que consequentemente se desencadeou, o chamado documento dos nove, a carta aberta de Mário Soares ao Presidente da República, a asfixia da 5.ª Divisão do EMGFA e das estruturas democráticas do MFA, a onda de saneamentos e repressão à esquerda militar, o descrédito lançado sobre o V Governo Provisório, a progressiva diminuição de força político-militar do COPCON, bem como a reestruturação à direita das Assembleias do Exército e da Força Aérea e a consequente facilidade de manipular da Assembleia do MFA criaram, a par da falta de credibilidade do V Governo Provisório no plano internacional, as condições objectivas para a sua demissão e para o avanço da direita.

Foi assim possível à burguesia recuperar posições perdidas e (ou) a ameaça de instalar-se no Poder através de um governo de "fachada progressista" mas que procura efectivamente paralizar a marcha do processo revolucionário e permitir a sua recuperação pela

direita, preparando-se para reprimir as forças revolucionárias como declarações e actas já cometidas facilmente comprovam.

Mas para levar a cabo o seu maquiavélico plano de asfixia e destruição da justa luta do Povo português a burguesia nacional necessita e espera o apoio e financiamento do capitalismo e do imperialismo internacionais. Para esta questão, camaradas, eu chamo a vossa atenção.

No combate determinado a manobras conspirativas internacionais contra-revolucionárias, vós podeis contribuir decisivamente, de mãos dadas connosco, para o avanço do processo de luta nos dois países e em toda a Europa.

Estejamos atentos, camaradas, às manobras dos burgueses portugueses e seus aliados europeus; e denunciemos claramente o que significa o chamado "auxílio" dos países sociais democratas da CEE e da EFTA a Portugal. Atentemos em que o dinheiro nas mãos da burguesia não poderá contribuir para solucionar as justas aspirações do povo português em desenvolver a sua agricultura, pesca, indústria e comércio interno e externo. O financiamento europeu servirá para restaurar os monopólios e reforçar a sujeição da economia portuguesa ao capitalismo e imperialismo estrangeiros. Contribuirá para a manutenção da exploração dos trabalhadores portugueses pois, inicialmente, o patronato satisfará algumas reivindicações, salariais, alienando os menos conscientes e fomentando a sua divisão para, em seguida, usando técnicas já experimentadas, sustar os salários e aumentar o custo de vida.

Depois, em nome da "ordem e disciplina e dos interesses do país" as forças reaccionárias reprimirão violentamente os trabalhadores que ousarem denunciar a exploração e se recusarem a ser presa fácil do capitalismo e do imperialismo e da exploração do homem pelo homem.

Cabe-nos neste momento, camaradas, combater corajosamente a concretização de tal possibilidade, impedindo com a nossa luta o auxílio criminoso que a social democracia se prepara para prestar às forças contra-re-

volucionárias portuguesas.

Sabemos que sereis capazes também de desbloquear o cerco económico e político que forças capitalistas e imperialistas movem às formas organizativas dos trabalhadores e do Povo português.

Igualmente sabemos que estais preparados para prestar inequívoco e precioso apoio ao governo português, logo que este seja um Governo Revolucionário formado pelos legítimos representantes dos trabalhadores, dos operários, camponeses, soldados e marinheiros e em que não caibam os partidos políticos burgueses nem os oficiais reaccionários.

Importa ainda manifestar-vos o nosso apreço e solidariedade pela posição correcta que assumistes ao descer à rua, em veemente protesto pelo cobarde assassinato de heróicos revolucionários espanhóis, perpetrado pelo último regime fascista europeu através do ignóbil escroque e traidor do Povo espanhol, que a história se encarregará de apontar como um dos mais reinados carrascos que a opressão já produziu.

Camaradas, vós sois garantia de que o processo revolucionário português caminhará para mais profundas, amplas e sólidas formas organizativas com o indispensável apoio e compreensão internacionais. Em Portugal procuramos afinadamente criar estruturas sólidas de unidade revolucionária, conjugando esforços pela articulação correcta de todas as forças de esquerda, civis e militares.

É significativo e já importante o trabalho desenvolvido pela FUR em ordem à elaboração de um programa de unidade revolucionária que aglutine organizações políticas, órgãos do Poder Popular de base e outros que oportunamente venham a criar-se e as forças revolucionárias militares.

E ao falarmos de forças armadas revolucionárias é claro, camaradas, que não nos reteríamos globalmente às Forças Armadas Portuguesas que, muito embora hajam progredido na contestação da disciplina militarista burguesa, não conseguiram ainda implantar, oficialmente, estruturas democráticas definitivamente capazes de cortar o passo às manobras, provocações e li-

derança dos oficiais reaccionários. Para transformar qualquer exército burguês num exército popular e revolucionário, há que destruir as suas estruturas militaristas e desmitificar conceitos de

respeito e obediência cega à hierarquia, bem como substituir o regulamento disciplinar por um código de disciplina revolucionária que ponha termo aos privilégios da classe e seja cumprido igualmente por oficiais, sargentos e soldados. Importa rever completamente os diplomas militares fundamentais, respeitando a dignidade do soldado, distribuindo equitativamente as capacidades e retribuindo consoante as suas necessidades. É indispensável que a cadeia de comando se subordine ao critério da competência e deixem de ser somente os filhos da burguesia, como bases para custear os estudos, a ter acesso ao oficialato.

Neste campo importa atentar nos nos SUV, forma organizada de classe, legítima e verdadeiramente representativa da maioria das Forças Armadas, que são incontestavelmente os soldados e marinheiros, bem como parte dos oficiais e sargentos que, por clara opção de classe, se encontram já ao lado dos trabalhadores.

São os SUV que poderão subordinar as Forças Armadas aos interesses dos trabalhadores e colocá-las definitivamente ao serviço da Revolução.

Não será jamais o MFA, com todas as suas condições e sob a liderança de oficiais reaccionários interessados em restaurar o militarismo fascizante burguês que transformarão o Exército num instrumento positivo para o processo revolucionário.

Serão os SUV, sob orientação política da classe operária, aliando-se aos camponeses e a todos os explorados, ombreado com a vanguarda armada dos trabalhadores portugueses que imprimirão ao processo a dinâmica que levará, imparavelmente de vitória a reacção e todos os seus laiaos.

Camaradas, é esta a resposta que os militares revolucionários já dão em Portugal às provocações dos militaristas reaccionários esperançados em estrangular progressivamente o movimento progressista de soldados e marinheiros que continuarão sempre ao lado do Povo, em ordem à vitória da Revolução, do Poder Popular e do Socialismo em Portugal, contributo importante para libertar os Povos europeus das garras do capitalismo e do imperialismo.

Saudações Revolucionárias

# PORTO FORÇA POPULAR EM M

A luta no Porto, transcende os muros dos quartéis, o Concelho Municipal, esta ou aquela fábrica isoladamente. A luta no Porto é o resultado duma tomada de consciência do povo portuense, dos operários e soldados que acordaram após uma tentativa de comprometimento por parte de agluns, do povo do Norte com a reacção. Lá naquelas quartéis e naquelas fábricas trava-se uma violenta luta de classes, uma violenta luta pela tomada de poder. Lá como em muitos outros locais e regiões, os trabalhadores vêm bem, que ou tomam o controlo da situação ou impõem um governo revolucionário com vista à tomada do poder, ou, certamente que o país é entregue à social-democracia e ao imperialismo, e rapidamente será reinstaurado o fascismo.

Os soldados do CICAP recusam-se a aceitar ordens de Pires Veloso, que já está mais que identificado como defensor da burguesia. Os moradores recusaram-se a ceder às mãos da social-democracia o Concelho Municipal, enfim os trabalhadores pronunciaram-se decididamente contra a viragem à direita ultimamente verificada.

Como os trabalhadores se pronunciaram, os homens de direita, os que não querem de maneira nenhuma perder os seus privilégios também falaram, e não só falaram mas também actuaram!

Numa tentativa de compreensão da rápida evolução do processo revolucionário no Porto nestes últimos dias

teremos um historial cronológico dos acontecimentos, onde se vê bem claro que os trabalhadores não cedem num passo, e nem um passo, e por seu lado os exploradores respondem "olho por olho, dente por dente".

## DIA 4 DE OUTUBRO

— Depois dos soldados do CICAP se recusarem à tentativa de saneamento de camaradas seus por parte do brigadeiro Pires Veloso, a unidade é ocupada por uma companhia de Leixões ligada ao recém-pseudo criado AMI. As reivindicações dos soldados do CICAP, são a reabertura da unidade e o impedimento de qualquer tipo de represália sobre todo e qualquer militar que tenha participado na luta.

**DIAS 5 E 6 DE OUTUBRO** — Travam-se incidentes entre militares do CICAP que se recusam a aceitar a ocupação da unidade juntamente com populares que se puseram ao seu lado, e forças do AMI e policia de choque. Registam-se três feridos. Os militares do CICAP dão uma conferência de imprensa onde põem bem claro as suas posições de recusa ao encerramento da unidade e quanto ao brigadeiro Pires Veloso exigem a sua expulsão.

Começam a organizar-se diversas manifestação populares de apoio ao CICAP.

No dia 6, é tentada a ocupação do CICAP através de uma grandiosa manifes-

tação convocada pelos SUV que se tinham posto ao lado dos soldados do CICAP desde sempre.

A ocupação não se pôde realizar por impedimento de forças militares que se encontravam no seu interior começam a chegar entretanto apoios de várias unidades.

**Dia 8 de Outubro**— Encontram-se no RASP representantes de cerca de 18 unidades militares em solidariedade com os seus camaradas.

Continuam as manobras vindas do Q.G. não só através de uma conferência de imprensa, como também dando a conhecer a sua posição que continua a ser de não cedência na sua atitude inicial, ou seja, de ordenar o encerramento do CICAP. É criada uma situação de impasse na luta dado que nenhuma das partes cedem, os soldados pela sua razão, o Q.G. pela sua "disciplina" militarista e seu orgulho.

É feito um plenário popular nos muros do RASP, onde além de vários órgãos de vontade popular se encontram representações do RIVR, CICAP, RTM, RIP, RCPO, QG-RMN, RIVRC, HMRI, CR/RMN, Com. Extinção da PIDE-DGS (Porto), RCPOE, RPM, RIT, RIC, HL, e forças de fusileiros, onde é aprovada uma moção que frisa a certo passo a necessidade de as unidades ali representadas "levarem a sua luta até à abertura do CICAP", (...) e "reatfirmar a

inabalável vontade de evitar situações de confrontação e violência, não virando soldados contra soldados, o que desde o princípio da nossa justa luta sempre repudiamos". **9 DE OUTUBRO** — Cerca de 50 e tal feridos. O PPD, provocatoriamente, convoca uma manifestação que se dirige ao RASP e pretende gerar a confusão, com certeza para depois dar muita razão ao senhor Pires Veloso quando este falasse na necessidade de restabelecer a ordem (sua-deles) e a disciplina (sua-deles também).

A destacar, a verdadeira disciplina revolucionária dos militares que se encontravam no RASP, ao tomarem a posição de evitarem um confronto com risco da própria vida e de dizerem claramente que não permitiriam que provocadores tentassem, ali, criar uma situação de guerra civil.

## DIA 10 DE OUTUBRO

— Os soldados que se encontram dentro do RASP, promovem mais um encontro com os órgãos de informação onde desmascaram todas as atitudes demagógicas de Pires Veloso que, segundo eles, vão desde dar informações de falsos números de soldados dentro da unidade até apelos demagógicos ao "bom senso". dos militares em luta propondo assim o imediato abandono da luta.

Continuam a chegar ao RASP apoios de órgãos de vontade popular, civis e militares

## A vida no R.A.S.P.

• Há dois comandos: o comando antigo e um novo comando revolucionário. Os dois não se têm chocado até à data.

• O comando revolucionário é constituído por uma Comissão Politico-militar. O sector político tem 14 elementos e o militar outros 14 e foram eleitos por todos. Ligados a esta comissão politico-militar existem as comissões especializadas: imprensa, agitação e propaganda, assuntos internos, fundos. Os homens que as compõem são indiscriminados: soldados, sargentos ou oficiais.

• Os soldados que pertenciam ao Regimento deram o apoio total e incondicional à luta e à ocupação e estão integrados na nova organização, embora continuem a cumprir o serviço habitual do quartel.

• A organização militar constitui com as tropas que vieram de fora dois pelotões de intervenção, cujos comandos foram eleitos. Cada pelotão tem três secções de oito homens cada. Os comandos das secções foram também eleitos e estão entre eles tanto soldados como sargentos, como oficiais.

• O pessoal de recruta não está organizado em pelotões de intervenção dada a sua falta de experiência. Está organizado noutros tipos de trabalho.

• Todas as decisões são tomadas em Assembleia Geral. A esta só assistem os que se comprometeram a aderir à luta, para que não haja sabotadores.

• Os oficiais e sargentos arrumam os quartos. Não há faxinas.

• Na cozinha funciona o sistema do voluntariado, para o qual concorrem oficiais, sargentos e praças. Todos lavam os pratos.

• Toda a gente dorme no quartel.

• O tratamento por tu foi estabelecido sem distinção de categorias.

• Não há indisciplina, nem há repressão.

## LISBOA

# METALÚRGICOS

7 de Outubro de 1975. Eram 3 da tarde. he-los que chegavam, aos magotes, de fatos azuis ou cinzentos, lavados de ferrugem Invadiram a cidade; eram dezenas de milhar de corpos endurecidos pela vontade das máquinas que os têm escravizado.

A sua força, que já vem de há muito, é elemento essencial da revolução que estamos construindo.

A invasão começou no Terreiro do Paço ao ritmo de palavras de ordem, aí convergiam formando o impressionante cortejo que deu corpo à invasão.

Os operários metalúrgicos respondiam assim, creativamente, ao apelo lançado pela sua federação (Federação dos Metalúrgicos).

Como motivo próximo desta grande mobilização estava a luta dos metalúrgicos pela aplicação de uma portaria do Ministério do Trabalho do V Governo Provisório, em que se estabeleciam novos salários para os metalúrgicos.

Os patrões, aos uivos, argumentavam que a nova tabela salarial não era suportável pelo sector, pondo em causa a sobrevivência de 12.000 empresas.

A isto contrapunham os operários que o que estava em causa era a subsistência de mais de 200 000 famílias proletárias; decididamente diziam não aos salários de miséria, fazendo saber que se havia em-



presas em más condições financeiras, os operários estavam dispostos a tomar conta delas. v O Ministério do Trabalho sob a direcção da equipa reacçãoária Tomás Rosa, Marx celo Curto, em manifestação duma força que não possui, intimidava os trabalhadores dizendo que "reitera o seu deliberado propósito de, quer neste, quer em casos similares, não considerar determinantes da sua actuação as pressões que eventualmente venha a sofrer".

Além da exigência respeitante à portaria, os metalúrgicos reivindicavam que o ministro não permitisse a publicação de comunicados reacçãoários do patronato; que o Ministério negociasse o clausulado



# OVIMENTO

Norte a Sul do País. Entretanto, o quartel da Região Militar do Norte divulgou comunicado que como facilmente se vê, está completamente deturpado e altera os acontecimentos, dizendo por exemplo que a maioria dos militares que se encontram no RASP são oficiais, etc.

## 11 DE OUTUBRO

Mais uma vez, a reacção actual. O Partido Socialista, que tudo tem feito, juntamente com o PPD para travar a justa luta dos soldados e o avanço do processo revolucionário, esse mesmo partido convoca a manifestação que mais se deve chamar contra-manifestação, para o mesmo local e à mesma hora que uma manifestação convocada pelo Concelho Municipal, que tem efectivamente lutado pelos interesses e direitos dos trabalhadores e explorados.

Aproveitando o clima de anti-comunismo que esta contra-manifestação criou na cidade, grupos de provocadores ELPistas tentaram destruir a sede da UDP contigua ao local do comício do PS.

Os disparos contra a sede da UDP e a agitação de uma granada lançada pelos soldados atraiu centenas de fascistas incensurados, entre os quais alguns com bandeirolas do PS e auto-colantes do PPD, bombas de matracas, bombas incendiárias, etc. Todas as coisas que durante cerca de 4 horas foram usadas para actuar sem qualquer intervenção dos verdadeiros apregoados da ordem.

O Q.G. do Porto várias vezes contactado telefonicamente respondia que não tinha nada a ver com o assunto. Só interviria se a PSP pedisse reforços.

Está claro que não os pediu pois durante os acontecimentos manteve a mais serena impassividade. Só depois da ocupação da praça, onde se desenrolaram os acontecimentos, por elementos vindos do RASP e que o Q.G. achou que seria altura de intervir.

A sua intervenção foi bastante esclarecedora. O comandante da força começou por dizer aos fascistas que eles e as forças militares que ali se encontravam estavam do mesmo lado.

Após a prisão dos militantes da UDP foi escolhida "democraticamente" uma representação dos fascistas para juntamente com os militares revistarem a sede.

O resultado foi o aparecimento de inscrições do género de "Viva o ELP" nas paredes da sede da UDP.

Depois de restabelecida a "ordem" a sede ficou guardada por elementos da PSP equipados com viseira e G 3 que faziam recordar o Chile após o golpe de Pinochet.

De uma coisa temos a certeza: a luta de classes aumenta; o VI Governo não pode de maneira nenhuma "resolver os problemas" como pretende, sem gerar a confrontação; os trabalhadores NÃO CEDEM, nem no RASP nem nos campos nem nas fábricas.

progressistas para o Conselho da Revolução"; apesar de tudo isto, a grande mobilização dos operários metalúrgicos, irá certamente contribuir para dar aos operários uma dimensão maior e mais correcta da sua verdadeira força. Os metalúrgicos e os operários portugueses em geral sabem bem, ao contestarem o Ministério do trabalho, que a burguesia não resolverá os problemas dos operários. Os metalúrgicos ao contestarem o Ministério do Trabalho, estão a pôr o problema do poder político no centro da luta.

Sem dúvida que o questionar do poder político pôde ser instrumentalizado pelas cúpulas sindicais, para fazerem pressão sobre o governo, com a intenção de criar melhores condições de negociação para o partido que domina essas cúpulas, e também com a intenção de criar um clima emotivo propício para uma vitória nas eleições do sindicato, eleições essas que estavam próximas. Mas apesar da instrumentalização partidária da luta dos metalúrgicos, a luta em si teve como efeito orientar os operários para uma contestação das actuais estruturas de poder. Há portanto que recusar toda e qualquer estratégia conciliadora, que não fará mais do que iludir os verdadeiros interesses dos operários. Só orientando os operários a contestação do poder político, no sentido da destruição do aparelho de Estado burguês.

A contestação que os operários metalúrgicos fazem do poder político, terá que ser por eles orientada no sentido da conquista desse mesmo poder político pela classe operária; só assim os trabalhadores poderão opôr-se com eficácia à deterioração do seu viver.

## LISNAVE

# A última assembleia

Praticamente desde a fundação da Lisnave os trabalhadores lutam por melhores condições.

Um ponto alto da nossa luta foi a greve de Novembro de 1969 que durou 72 horas e que a polícia de choque, com cães, cavalos e metralhadoras, tudo fez para reprimir.

De início as lutas eram desencadeadas de uma forma desorganizada, ganhando-se e perdendo-se. Assim fomos avançando, desenvolvendo as nossas formas de organização e de luta.

Após o 25 de Abril podemos organizar-nos sem os condicionamentos da clandestinidade (na Lisnave havia muitos pides). Começamos então a fazer assembleias de sector (ou de secção), onde eram eleitos os seus representantes que iam formar a comissão de Trabalhadores (que era composta por duzentos e tal membros); tinha então a Lisnave, cerca de 8.000 trabalhadores.

A Comissão de Trabalhadores começou por desmascarar e prender pides e por saneamentos de fascistas; elaborou também um caderno reivindicativo.

Como a comissão de trabalhadores tinha muitos membros, dificultando a tomada de decisões, foi primeiramente reduzida para cento e tal e depois para 80, e mais tarde para 40.

Em Janeiro foi elaborada uma lista, afecta ao PC, constituída por 15 trabalhadores. Esta lista foi aprovada para a comissão de trabalhadores, numa assembleia geral posteriormente esta comissão foi aumentada com cinco novos representantes.

Mal esta comissão tomou posse, que

contra ela apareceram as críticas. As principais críticas eram devidas ao controle partidário a que a comissão de trabalhadores estava sujeita; outros criticavam a forma como a comissão tinha sido eleita, dizendo que a assembleia tinha sido manobrada, pois os trabalhadores não se conheciam uns aos outros.

O processo foi avançando e a comissão tornou-se demissionária em 11 de Setembro.

A administração da Lisnave, entretanto, não estava inactiva. Ao mesmo tempo que colaborava no boicote à empresa para criar dificuldades aos operários, reduziu ligeiramente o leque salarial (só para adarçar o bico a alguns trabalhadores).

Foram apresentados à discussão vários cadernos sobre o controle operário. Dentro destes um era afecto à UDP, outro ao PCP, e outro aos Conselhos Revolucionários de Trabalhadores, Soldados e Marinheiros.

As quatro propostas às quais se juntou uma quinta foram apresentadas em Assembleia Geral para serem discutidas. Na assembleia convocada, as propostas não viriam a ser discutidas, por se ter passado o tempo a discutir a situação da empresa e se a quinta proposta deveria ou não dar entrada para discussão.

Nessa altura, as assembleias eram completamente dominadas partidariamente. Os operários eram apupados quando eram doutro partido. Muitos dos camaradas que iam falar não chegavam ao fim e quando o faziam eram obrigados a muitos compassos de espera, esperando que todos se calassem.

Continua na pág. 15

## IA RUA



o contrato que não está incluído na Portaria; e que fosse revogado o decreto lei nº 372-A-75 que retira aos trabalhadores o direito ao trabalho e o substituiu por uma legislação impeditiva dos despedimentos. A luta dos metalúrgicos é parte integrante da luta de classes que se vive em Portugal, no actual clima de instabilidade político-económico-social, esta luta é um apontamento mais que respectivo, a tomada do poder pelos trabalhadores. Ainda que houvesse tentativas de manipulação partidária, à justa luta dos metalúrgicos, ainda que muitas das palavras de ordem escolhidas pelas cúpulas sindicais fossem verdadeiramente conciliadoras (é o caso de — "Mais oficiais

## FORÇA AÉREA: Importantes decisões de assembleias de soldados

-10-75- G.D.A.C.I. CONTRA A.M.I.

Realizou-se um plenário de praças em que foram aprovadas as moções seguintes:

1.º — De repúdio pelas posições tomadas pelo Comando em relação ao afastamento dos capitães Sousa Ferreira e Sobral Costa, manifestando solidariedade com os mesmos, não se aceitando essas mesmas posições, por se considerar que são saneamentos à esquerda.

2.º — De repúdio pela formação do A.M.I. exigindo-se a imediata retirada do A.M.I. da sua unidade.

4-10-75 — BASE AÉREA DE SINTRA

Realizou-se um plenário de praças em que se aprovou uma moção de apoio à luta dos trabalhadores do Rádio Renascença e do República.

Foi também aprovada uma moção de apoio aos S.U.V. e de repúdio ao A.M.I.

13-10-75 -) SOLDADOS DA FORÇA AÉREA DELEGADOS A ASSEMBLEIA DO MFA DA FORÇA AÉREA, CONTESTAM ESSA ASSEMBLEIA

Num texto divulgado neste dia, as referidas praças contestam a representatividade da Assembleia do MFA da Força Aérea.

Nesse mesmo texto afirmavam os soldados que "a nossa posição é pois a de dizer não a uma assembleia onde não tem qualquer possibilidade de triunfar um ponto de vista favorável ao avanço do processo revolucionário e à defesa da classe a que pertencemos".

# FASCISMO OU REVOLUÇÃO SOCIALISTA

## A crise actual do capitalismo português

A dissolução das relações de produção capitalistas teve como consequência uma profunda crise a nível da actividade económica, com o consequente bloqueio dos mecanismos de acumulação. Os avanços consequentes das classes

trabalhadoras feriram de morte o modo de produção capitalista português. Para o refazer, a burguesia terá de recorrer à violência fascista que faça recuar as classes oprimidas. A revolução socialista, com as vias de interven-

ção global que actue sobre o aparelho produtivo e o consumo surge, aos olhos dos revolucionários, como a única via que não faça recair o custo da recuperação económica sobre as costas dos trabalhadores.

cresceu a procura de muitos bens comerciais — carne, cereais, açúcar, peixe, bacalhau, vestuário, gasolina — o que motivou o agravamento do défice da balança comercial, causado pela realização maciça de importações destes bens.

O equilíbrio de um sistema económico capitalista depende, de modo determinante, da existência de estímulos que activem a actividade concorrencial de todos os agentes económicos. Tais estímulos actuam nos diversos momentos do quotidiano dos agentes económicos quer estes actuem como produtores ou como consumidores. No caso dos empresários capitalistas o estímulo é dado pela taxa de rentabilidade do capital investido, que depende por sua vez dos custos e da produtividade (isto é do que cada trabalhador produz num determinado período de tempo) alcançada,

dades produtivas portuguesas.

Por este facto e pela intenção de boicotar o processo político, os capitalistas portugueses começaram (nomeadamente os ligados aos grupos monopolistas financeiros e industriais) o abandono sistemático dos projectos de investimento. As consequências revelar-se-ão no futuro (anos imediatos) de modo muito grave porquanto serão imediativos da oferta de novos postos de trabalho.

Com o 11 de Março as nacionalizações da banca e de muitos sectores básicos fizeram passar para o controle do Estado uma parcela considerável de todo o sector produtivo. A burguesia financeira portuguesa foi de um golpe despojada das poderosas alavancas que lhe permitiam controlar toda a actividade económica. Até aí tinha podido boicotar à vontade o avanço dos trabalhadores e a consequente consolidação do processo de destruição dos antigos mecanismos de produção e de consumo. A partir da nacionalização estas alavancas passaram para o Estado e com elas o controle de milhares de unidades produtivas onde a banca tinha participações financeiras.

Chegou-se assim, a uma situação em que as incertezas políticas, o boicote mais ou menos aberto ao processo político e os aumentos salariais, com a correspondente diminuição dos lucros, fazem com que os capitalistas que detêm as unidades produtivas não nacionalizadas não invistam e abandonem em muitos casos as unidades produtivas. O vasto sector nacionalizado, abandonado a si próprio, não tem por outro lado, conseguido ser o motor de reactivação da actividade económica que se deteriora de dia para dia.

### I — O 25 de Abril e a ruptura das relações de produção capitalistas

O 25 de Abril ao romper de modo brusco o enquadramento político da actividade económica abriu caminho à ruptura e dissolução das relações de produção. Esta ruptura processou-se de modo progressivo ao longo destes 17 meses, acarretando a completa desarticulação dos mecanismos de acumulação em que assentava o desenvolvimento capitalista português.

A burguesia portuguesa, produto do regime fascista, soube de modo instintivo que seria incapaz de sobreviver fora do enquadramento político repressivo em que tinha prosperado. Restavam-lhe o boicote e a fuga, caminhos que tem tentado ao longo destes meses. Sem nos determos no aprofundamento destes pontos, importantes para a exacta compreensão da evolução do nosso processo político, apenas se adianta que a burguesia portuguesa ficou presa na complexa teia de contradições do regime de excepção que manteve durante demasiado tempo. A guerra colonial e o êxodo de trabalhadores portugueses para os países capitalistas da Europa vieram desestabilizar os rígidos circuitos económicos e monetários criados por Salazar.

Até à década de 60 a burguesia monopolista portuguesa fez assentar todo o processo de acumulação de capital numa elevada taxa de exploração dos trabalhadores. Através da repressão impediu a sua organização sindical impossibilitando-os de lutar eficazmente por qualquer melhoria salarial. As lutas operárias que se verificaram foram obrigadas a desenvolver-se em condições penosas e tiveram quase sempre como consequência a morte, a prisão, a clandestinidade ou o exílio para os trabalhadores mais conscientes. Este facto, aliado ao desemprego oculto que grassava nas zonas rurais, possibilitou à burguesia a utilização de uma força de trabalho paga a níveis de subsistência. A burguesia foi assim conduzida à utilização de técnicas produtivas baseadas numa composição orgânica de capital

(relação entre o capital e o trabalho utilizados num dado processo produtivo) assente na utilização intensiva da força de trabalho. Conseguiu deste modo, a burguesia portuguesa, obter grandes massas de mais valia que aplicava em consumos sumptuosos ou em novos investimentos.

A partir do início da década de 60

força de trabalho começou a ser constituída pelas remessas dos emigrantes que encheram os cofres do Banco de Portugal e aumentaram os rendimentos dos seus familiares. Muitos portugueses viram assim aumentar o seu nível de vida sem que a tal correspondesse qualquer aumento de produção interna, tendo o

...a guerra colonial e a emigração maciça fizeram surgir forças que, rapidamente, geraram novas e agudas contradições



a guerra colonial e a emigração maciça fizeram surgir forças que, rapidamente, geraram novas e agudas contradições.

A saída maciça de trabalhadores rurais fez esgotar o tradicional "exército de reserva" com que a agricultura sempre alimentou as necessidades em força de trabalho das manchas industriais que se iam formando na zona costeira do país - Porto, Lisboa, Setúbal, S. João da Madeira, etc.; a Covilhã é uma excepção geográfica explicável por uma tradição histórica de fixação no sector têxtil. A continuação da emigração atingiu mesmo diversos sectores industriais criando tensões no mercado da força de trabalho. A contrapartida desta hemorragia de

equilíbrio do mercado interno passou a depender cada vez mais de importações maciças.

O pagamento de salários baixos levou os capitalistas portugueses a lançar mão de técnicas produtivas baseadas na utilização intensiva de força de trabalho. A utilização destas técnicas teve como consequência produtividades muito baixas, o que limitou fortemente a capacidade concorrencial da indústria portuguesa nos mercados internacionais.

As reivindicações operárias pós 25 de Abril vieram provocar aumentos generalizados de vencimentos nominais que tiveram profundas consequências a nível da produção e do consumo.

### Consequências a nível da actividade produtiva

A nível da produção verificou-se uma alteração violenta da repartição funcional do rendimento, com aumentos salariais que em alguns sectores industriais chegaram a atingir os 40%.

O investimento bloqueado por razões políticas (boicote) por uma diminuição da taxa de remuneração do capital baixou, atingiu 0% em 1974.

Com estes aumentos salariais

Dadas as técnicas utilizadas, a produtividade média é baixa entre os trabalhadores portugueses. Os já referidos aumentos salariais (correspondentes até às reprimidas reivindicações dos trabalhadores) vieram fazer diminuir as taxas de lucro da quase totalidade das uni-

### Consequência a nível do consumo

A dissolução das antigas relações de produção e o bloqueio consequente dos mecanismos de produção não é, no entanto, o único ponto de ruptura do equilíbrio do sistema económico. A nível do consumo avolumaram-se tensões entre uma crescente capacidade de consumo e uma crescente incapacidade de abastecimento do consumidor por parte da produção interna e das importações.

A actual estrutura de consumo interna foi-se consolidando ao longo de toda a década de 60 e pela importância dos seus reflexos no actual momento político merece

ser um pouco aprofundada. Na década de 60 o êxodo dos portugueses que emigraram para a Europa originou um fluxo contínuo de remessas de moedas estrangeiras que fez aumentar o nível de vida de centenas de milhares de famílias portuguesas, ao mesmo tempo que engrossaram as reservas monetárias do resto do Portugal.

A resposta adequada ao aumento do consumo de milhões de pessoas teria passado pelo incremento da actividade agrícola. Para o conseguir o regime teria que ter feito uma reforma agrária

# FASCISMO OU REVOLUÇÃO SOCIALISTA

## A crise actual do capitalismo português

Continuação da pág. 5

que modificando a estrutura fundiária, permitisse o aparecimento de explorações agrícolas rentáveis. O regime fascista não podia, porém, suportar o custo político de uma reforma agrária que colidiria com os interesses da aristocracia rural e dos latifundiários, classes políticas que constituem uma das suas principais bases sociais de apoio.

A resposta encontrada foi, pois, a de importar de modo maciço os alimentos e os bens procurados, delapidando improdutivamente os

meios de pagamento acumulados. O consumo ultrapassou rapidamente a capacidade improdutiva interna, habituando vastos sectores da pequena e média burguesia a níveis da vida que nada têm a ver com o real desenvolvimento das forças produtivas internas.

O encaminhamento para o sector produtivo das reservas acumuladas no banco de Portugal teria permitido o incremento acelerado da actividade industrial através da compra de equipamento e de matérias primas. Para tanto teria sido, no entanto, necessário, romper

com os interesses imediatos de uma burguesia monopolista interessada em manter um completo controlo da actividade económica.

Foram deste modo, acumuladas vastas reservas de meios de pagamento sobre o que se mantiveram completamente estéreis. É pois neste contexto que, de um ponto de vista económico se traduz por uma grave depressão e por consumos alimentados pela via da importação maciça de bens que escoam rapidamente as reservas do banco de Portugal, que se abrem e devem ser analisadas as vias de saída possíveis.

conseguindo através da redução do seu nível de vida, os meios de poupança necessários para investir? Mas este processo conduziria,

necessariamente, à via que ela diz repudiar. A da repressão e do regresso a um regime de extrema direita.

### A saída de extrema-direita



Em esta via que cairá inevitavelmente o processo político se for tentada a via social democrata. Para não penalizar as classes sociais que a suportam politicamente a social democracia será posta rapidamente perante um dilema.

— Restringir os consumos das classes sociais mais abastadas e dinamizar a actividade económica, aguentando o custo que significará a perda do seu suporte político - o mesmo é dizer - condenar-se politicamente

— procurar reactivar a actividade económica através da penalização das classes trabalhadoras, beneficiando as classes abastadas através da manutenção do seu nível de vida.

A social democracia restará a segunda via pois se escolher a primeira verá o seu suporte político deslocar-se para a direita, mas, para a impor terá de reprimir as

classes mais desfavorecidas e procurar conter os avanços dos trabalhadores. Cair-se-á rapidamente na repressão violenta, sob o argumento de que só disciplinando o trabalho o investimento estrangeiro virá, cair-se-á rapidamente numa política de descolonizações, sob o pretexto de que a máquina estatal é ineficiente e não conseguirá gerir suficientemente tais recursos.

O equilíbrio do sistema económico será conseguido à custa dos trabalhadores através da actuação dos mecanismos normais de uma economia capitalista. O desemprego crescente fará descer os salários nominais enquanto o aumento crescente dos preços fará descer os salários reais, processo — que cairá de novo condições aos capitalistas para obter taxas de lucro remuneradoras. Será sobre o sofrimento dos trabalhadores que se procurarão repôr as relações de produção capitalistas.

### .II - Alternativas para a solução da actual crise

#### A saída social-democrata



O que projecta opôr a social democracia à progressiva deterioração da situação económica, social e política: A reanimação da actividade económica pela via dos empréstimos exteriores e dos investimentos directos estrangeiros.

A social democracia sabe que as relações de produção capitalistas foram em Portugal feridas pelos avanços da classe operária que possibilitaram uma progressiva participação e controlo nos processos produtivos e pelas nacionalizações que retiraram das mãos do capitalismo monopolista os sectores mais importantes e lucrativos da actividade económica.

A social democracia poderá obter milhões de dólares — sabe-se que a CEE está disposta a emprestar cerca de 160 milhões de dólares reembolsáveis em três anos mas impõem-se uma pergunta; onde é que esses dólares vão ser empregues? No investimento? Como compatibilizar tal aplicação com a necessidade da manutenção dos

padrões de consumo, importações de bens alimentares no valor de cerca de 26 milhões de contos, o que equivale a mais de um bilião de dólares.

Por outro lado os investimentos directos de capital estrangeiro só serão concretizáveis num quadro diferente do actual, em que existe um efectivo controlo, por parte dos trabalhadores, da actividade produtiva e financeira de tais investimentos. O capital estrangeiro não suporta, de facto, a intervenção do trabalho sobre a gestão da empresa, o que viria a suceder inevitavelmente nas condições actualmente em vigor.

Chegámos, assim, a um ponto de particular importância nesta análise.

A social democracia terá de optar entre investir os empréstimos que vai obter aos demais países capitalistas ou dirigi-los para a manutenção do consumo.

Se olhar pelo investimento tal corresponderá a condenar-se politicamente pois corresponderia a voltar contra o processo político precisamente as classes que a apoiam (pois seriam elas que iriam ser penalizadas com a necessária diminuição do consumo).

PRODUTOS DE ABASTECIMENTO PÚBLICO (1)	
	20.984
	3.840
PRODUTOS CONGELADOS	800
TOTAL	25.624

(1) cereais, carne, bacalhau, frutas, produtos oleaginosos.

Constata-se assim que, mesmo sem contar com o petróleo, se estão a prever, na base dos actuais

#### A saída socialista



Seja qual for a óptica porque se encare o processo político que estamos a viver ele tem que ser entendido como uma profunda alteração nas estruturas económica e social do povo português.

Esta modificação estrutural, produto inevitável de relações artificialmente mantidas por uma repressão violenta, alterou o

Continua na pág. 14

## SUÉCIA

# NO PARAÍSO DO CAPITALISMO EMIGRANTES PORTUGUESES DIZEM NÃO À SOCIAL DEMOCRACIA

Um delegação oficial portuguesa, na qual se integravam Rosa Coutinho, Otelo, cap. Marques Júnior e o com. Duarte Lima, visitou a Suécia, na última semana de setembro.

No dia 29 do mesmo mês, a embaixada portuguesa em Estocolmo, aproveitando a visita da delegação à Suécia, "ofereceu" uma recepção à colónia portuguesa.

A recepção, que em princípio seria para todos os portugueses radicados na Suécia, foi preparada no maior sigilo, de maneira a que os elementos indesejáveis não aparecessem. Mas os elementos indesejáveis não só apareceram, como apareceram em força, conseguindo transformar a recepção numa jornada de luta anti-capitalista.

O embaixador português, um reaccionário de primeira apanha, abriu a sessão pedindo um viva ao M.F.A.

Falaram depois Rosa Coutinho e Otelo, que foram inúmeras vezes interrompidos por uma grande parte dos emigrantes presentes, que gritavam — "Abaixo a social-democracia", "Reaccionários fora dos quartéis já", e "Operários e camponeses, soldados e marinheiros unidos venceremos".

Um emigrante pediu em seguida a palavra para ler um comunicado elaborado por um grupo de emigrantes e que tinha o apoio de muitos presentes. O comunicado dizia:

Aproveitando o momento da visita à Suécia de membros do Conselho da Revolução, um grupo de emigrantes e desertores decidiu intervir na recepção cozinhada pela Embaixada de Portugal em Estocolmo para deixar bem expressa a sua adesão às medidas progressistas tomadas pelo militares revolucionários no seio do M.F.A.

Dentre essas medidas queremos destacar a aprovação a 8 de Julho de 1975 pela Assembleia do M.F.A. do projecto M.F.A.-POVO. Com este projecto encerrava-se um período de contradições e ambiguidades nas esferas do poder político-militar. A luta dos trabalhadores e a sua auto-organização estão na origem desta decisão histórica, que foi uma importante vitória para os trabalhadores.

Mas a aprovação do projecto M.F.A.-POVO veio também originar uma das maiores ofensivas que a burguesia levou a cabo desde o 25 de Abril. O projecto M.F.A.-POVO sancionava o desenvolvimento do poder operário e camponês, do poder baseado na organização autónoma das massas trabalha-

doras e dos soldados. O projecto M.F.A.-POVO teve portanto como efeito clarificar intenções a nível das estruturas do poder político-militar. Dois campos antagónicos, o que se identifica com os interesses concretos das massas trabalhadoras e o que se identifica com a burguesia, foram-se definindo com maior nitidez. Não é de estranhar portanto que o avanço dos trabalhadores correspondesse também uma maior agressividade por parte da burguesia. Isto não é mais do que a dialéctica da luta de classes. Daí o aparecimento, por um lado, do chamado documento Melo Antunes e por outro, como alternativa revolucionária, do projecto de trabalho de alguns oficiais progressistas do COPCON.

Tanto o projecto M.F.A. como o projecto de trabalho de oficiais revolucionários do COPCON constituem a base sobre a qual a organização autónoma dos trabalhadores se deverá desenvolver na perspectiva da tomada do poder pelos operários e camponeses.

No que respeita à situação advinda da nossa qualidade de emigrantes e desertores queremos salientar a nossa tomada de posição em relação aos seguintes pontos:

1.º — Perguntamos ao Embaixador de Portugal que fez ele até agora para denunciar a campanha difamatória do processo revolucionário em curso em Portugal, levada a cabo pelas autoridades e órgãos de Informação social da Suécia?

Perguntamos também porque o sr. Embaixador se recusou a receber os representantes do Conselho da Paz, recusa esta confirmada pelos próprios oficiais do M.F.A. que vinham incorporados na delegação, no clube Lusitânia em Estocolmo?

2.º — Queremos denunciar as ambiguidades das autoridades portuguesas em relação à descolonização de Angola e Timor. Damos o nosso total apoio à luta dos povos angolanos e Timorenses organizados no MPLA e FRETILIN.

3.º — Exigimos uma imediata satisfação das reivindicações dos desertores e refractários espalhados pela Europa.

4.º — Propomos que o tradicional beberete que a Embaixada ofereceu se transforme numa discussão dos problemas que hoje afligem a sociedade portuguesa.

VIVA A ALIANÇA DOS OPERÁRIOS E CAMPONESES!

SOLDADOS E MARINHEIROS SEMPRE, SEMPRE AO LADO DO POVO!

LUTAR, CRIAR, ORGANIZAR, PODER POPULAR!

Ao mesmo tempo que o comunicado ia sendo lido, a maioria dos emigrantes presentes gritava — "FORA O EMBAIXADOR".

Tendo-se gerado muita confusão e mesmo alguns esboços de pancada, o almirante Rosa Coutinho tentava acalmar os ânimos dizendo que todos os presentes eram uma família e que em família a roupa suja lavava-se em casa. A isto contestavam emigrantes em que o inimigo era o mesmo em toda a parte — o capitalismo — e que entre portugueses, ou não, a barricada tem sempre dois lados. A discussão manteve-se por longo tempo criando embaraços às autoridades suecas, que tão interessadas estavam em mostrar a "harmonia" do seu paraíso aos oficiais portugueses.

O Embaixador português, posto em causa pela maioria dos emigrantes, tenta agora desviar as atenções destes inventando ameaças de morte que segundo ele, teriam sido proferidas pelo telefone.

## ERNESTO CHE GUEVARA

"A imprensa sensacionalista, o sistema ideológico dominante podem ensaiar "recuperar" o mito da aventura heroica; mas o que eles jamais poderão, é "digerir" o militante revolucionário consequente, que levou as suas ideias à prática.

O heroísmo do Che não era um heroísmo abstracto, mas um heroísmo ao serviço de uma causa, de uma ideia a Revolução Socialista, tal como ele a compreendia.

Quando pensamos no Che, não pensamos fundamentalmente nas suas virtudes militares. Não! A guerra é um meio e não um fim. A guerra é para os revolucionários um instrumento. A coisa importante é a Revolução, a causa revolucionária as ideias revolucionárias, os objectivos revolucionários, os sentimentos revolucionários, as virtudes revolucionárias." M.L., "O Pensamento de Che Guevara".

O Che está presente, neste Portugal de 1975!





«Sangue, sangue nas árvores e nas calçadas,  
sangue nas águas, sangue nas paredes  
e o medo que a Espanha se abata  
ao peso do sangue que destila dos seus tecidos  
até molhar o pão que se come»

## CINCO ASSASSINATOS EM MADRID E O CHORO NAUSEABUNDO DOS GOVERNOS EUROPEUS

Que tudo vai mudar em breve em Espanha é qualquer coisa que todo o espanhol sabe e sente. É qualquer coisa que todo o mundo sabe. Assim como a evolução histórica de Espanha não pode ser travada, do mesmo modo não conseguirá Franco evitar a morte. Todo o espanhol e todo o mundo o sabe. E agora que tudo está em vésperas de acabar e o novo acto na vida de Espanha se afirma, aparecem em cena feitos à pressa os Pôncio Pilatos de todo o mundo. Cheios de horror e indignação declaram em Igrejas, nos bancos nos banquetes, nos Congressos, nas Feiras Internacionais do capital, etc..., a sua impossibilidade de compreenderem Franco.

dos bens espanhóis. Durante o ataque à embaixada espanhola teve-se a oportunidade de ouvir o rotineiro coro de protesto dos representantes dos partidos comunistas espanhol e sueco: "não à provocação" gritavam, enquanto camaradas revolucionários tentavam a invasão da embaixada. Para estes idiotas amantes da autoridade do poder não é Franco que é o provocador ao assassinar, mas sim quem contesta o direito de Franco assassinar.

Nesta Suécia tão anti-fascista decorre uma campanha de angariação de fundos e de debates para suporte dos partidos democráticos de Portugal. No mesmo cartaz de propaganda vêem intercalados os três partidos democráticos de Portugal: PPD, CDP e PS. No dia 30 de Setembro no canal 1 de TV afirma-se mais uma vez que o caos que reina em Portugal e a comprovar que isso seria previsível quem têm à lata de apresentar na TV? SPINOLA numa entrevista em que prevê o caos que iria acontecer uma vez que os válidos membros do MFA tinham sido expulsos. Para bom entendedor, meia palavra basta...

### suécia



Olof Palme no Congresso da Social-Democracia sueca em Estocolmo proclama o seu espanto de como ser possível ao regime franquista oprimir o povo espanhol durante 40 anos. E vai mais longe. Agora que Franco está em vias de desaparecer (a arterioesclerose tem contados os dias de Franco) Olof Palme tem até a coragem de lhe chamar diabólico assassino. Palme é nada mais que o Primeiro-Ministro da Suécia que envia 500 mil turistas por ano a Espanha onde gastam por ano 500 milhões de coroas suecas. Ao mesmo tempo que os turistas suecos para o Algarve desaparecem por causa da "ditadura militar" portuguesa. É com a Espanha de Franco (do mesmo modo que com Portugal de Caetano) que a Suécia tem fabulosos e chorudos negócios. É Palme demagogo ou idiota quando diz não saber como o governo espanhol se mantém? Palme pretende desconhecer como a história da guerra civil espanhola e de como a conveniência das "democracias" europeias instalou Franco no poder. "Desconhecimento" saudável tanto mais que os social-democratas suecos têm outros telhados de vidro no respeitante a colaboração com fascismos. Quando a Noruega

foi ocupada pelos nazis não foram os social-democratas suecos que abriram as portas da Suécia ao trânsito das tropas alemãs ao mesmo tempo que de passagem lhes vendiam aço para as fábricas de resistência e os próprios desertores alemães que se refugiavam em território sueco? Como estes amantes da liberdade têm a memória fraca. Palme que se horroriza com as execuções em Espanha é um governo que gastou 5 milhões e meio de coroas suecas (alguns dias atrás) para instalar um espectacular aparato policial destinado a impedir que forças de esquerda sueca interrompessem um "match" de ténis entre a Suécia e o Chile (Davis Cup). No centro do campo de ténis os jogadores, nas bancadas e ao redor do campo 1500 polícias sem contar cães de 4 patas (100 cães polícias). Apesar das discursas do Palmitas, o embaixador da Suécia em Espanha só é chamado depois de uma manifestação de 10 000 pessoas em Estocolmo no decorrer da qual se tentou o ataque à embaixada espanhola apesar dos habituais cuidados que a polícia sueca dispensou na preservação

### alemanha ocidental

Willy Brandt também não perde a oportunidade para se indignar. O mesmo homem que defendia (antes do VI Governo Provisório) o boicote a Portugal e participava nas falsificações que se faziam e fazem sobre Portugal. Este senhor, ao indignar-se perde de tal modo a cabeça que não se apercebe que entra em contradição consigo próprio. Ao mesmo tempo que ataca o Direito Espanhol por assassinar militantes que usaram de violência revolucionária em Espanha enche as suas cadeias com militantes, do Baader-Meinhoff. A dias atrás 4 dos principais acusados no processo que decorre desde Maio na Alemanha contra o grupo Baader-Meinhoff foram expulsos da sala de tribunal sob a acusação de desrespeitarem o tribunal e o Direito Alemão. Mas não foi precisamente isso que fizeram os 5 espanhóis assassinados? Mas estes "social-democratas" saltam por cima destas pequenas contradições e até pretendem resolvê-las. Assim para os social-democratas

alemães o que os desgosta não é o facto de que revolucionários sejam condenados mas o facto de que em 1975 (como dizem muito orgulhosamente. Como se o 1975 dos alemães não tivesse sido arranjado à custa da permanência na idade Média de muitos outros países) presos políticos sejam condenados à morte. Que se condene a tudo mas não à morte. Assim se fica de bem com a consciência. Os Baader-Meinhoff serão condenados não à morte mas... à vida. Não se trata de acabar com a miséria de vida mas sim substituí-la pela vida de miséria. Pequenas sutilezas do espírito alemão.



Paris, bancos, representações de centros comerciais internacionais, etc..., que existem várias França. E já a 29 e 30 de Setembro se lançaram ao cárcere 18 revolucionários na liberal França de Giscard. O mesmo Giscard que veste em Portugal a cobeito de que não existe democracia no país, investe na democracia de Franco. Pequenas contradições que o Sr. Presidente come como acepipes nos lautos banquetes em que participava Champalimaud.

### frança

Giscard D'Estaing é muito mais artificial: chama a casa o embaixador francês que por sinal já estava em França à espera de ser substituído no seu posto em Madrid uma vez que já tinha cumprido serviço em Madrid durante 5 anos. O delicioso Giscard com todo o picante francês refere que a França usa da máxima discrição nos seus esforços junto ao governo espanhol para que... possa ser mais eficaz. Mas à falta de eficácia demonstrada (os 5 militantes foram executados) junto ao governo espanhol não deixou D. Giscard de usar da máxima eficácia em 29 de Setembro quando da manifestação em Paris organizada por 10 organizações de esquerda. Desde Marchais até Mitterrand passando pelos trotskistas e sindicatos todos tiveram oportunidade de cheirar os gases lacrimogéneos e saborear os

porretes das CRS. A manifestação que muito bem comportada se faria "na ordem e dignidade" foi completamente desfeita pelas arremetidas nada discretas das polícias giscardianas. A França de que Giscard fala como sendo sua mostrou através da destruição de centenas de estabelecimentos em

### inglaterra

Os ingleses. Ah! esses homens de espírito prático. Wilson já fala da sua demissão próxima. Por causa do cansaço que sente nas canetas resultante das correrias malfadadas em que anda à procura de Libra que não encontra. Wilson e seu governo andam neste momento de cuécas na mão preocupados com a

nova baixa de cotação da sua Libra do que com qualquer outra coisa. De resto, no momento em que os tribunais ingleses se estão a preparar para dar prisão durante toda a vida a 14 pacifistas, acusados de distribuírem propaganda aos soldados ingleses aconselhan-

Continua na pág. 14

## VI GOVERNO

Continuação da pág. 4

um alerta aos soldados dos Comandos, e da GNR para que vejam uma vez para sempre quem é o seu comandante e ao serviço de quem é que estão. Estes soldados

terão que fazer rapidamente a sua opção e juntar-se aos demais explorados para não correrem o risco de serem completamente marginalizados pelos trabalhadores e repudiados por estes.

### Tentativa desesperada

As oito da manhã de 29 de Agosto são ocupadas "por ordem superior" as estações emisoras de Rádio e Televisão numa tentativa verdadeiramente desesperada da burguesia, para tentar agarrar o controlo da situação, já que o terreno lhe fugia em quase todos os lados.

Podiam esses senhores, ter tido ao menos a preocupação de não cair no ridículo, já que restavam muito poucas dúvidas sobre a actuação dos soldados ocupantes das estações, e seria inevitável que estes se pusessem ao lado dos trabalhadores como sempre o tinham feito até aí. Isto prova que o poder desconhece a realidade social e política.

Houve uma imediata resposta popular com os trabalhadores na rua a partir das 13 horas até ao dia

### Repressão no Porto

Como em Lisboa e arredores, também o Porto e em geral o norte do país têm sido alvo de medidas repressivas por parte do governo.

Estas medidas, vão desde a repressão física aos moradores da cidade do Porto pela PSP até à recente ordem de fecho do CICAP que deu origem a uma das maiores manifestações naquela cidade convocada pelos S.U.V. onde se

incorporaram mais de 2000 soldados, aos quais se juntaram muitos mais camaradas doutras unidades do Centro e Norte do país a meio da noite.

E é assim, que na prática os trabalhadores respondem revolucionariamente a um governo de direita e continuarão a responder de armas na mão se necessário.

## A crise actual do capitalismo português

Continuação da pág. 11

funcionamento dos mecanismos de produção.

Apenas uma saída que permita equacionar globalmente os pro-

blemas da produção e do consumo permitirá encontrar uma saída para a actual crise económica sem que tal saída seja feita à custa das massas trabalhadoras.

### Reactivação da actividade económica

Os mecanismos de produção inexistentes antes do 25 de Abril foram, pelas razões expostas, desarticulados.

O Estado controla hoje grande parte dos sectores produtivos. Para estes sectores o móbil da produção deixou de ser o lucro para ter de passar a ser o da satisfação das necessidades sociais dos trabalhadores e dos menos favorecidos.

A desarticulação dos anteriores mecanismos capitalistas (lucro — investimento — produção — consumo) tem de suceder a montagem imediata de mecanismos (lucro — investimento — produção — consumo) tem de suceder a montagem imediata de mecanismos alternativos. Esses mecanismos passam pela planificação global e imperativa do sector nacionalizado, porquanto só a planificação da actividade económica poderá articular a actividade das múltiplas unidades produtivas nacionalizadas.

Conjuntamente com esta planificação imperativa (baseada em órgãos de decisão descentralizados que permitam uma ampla participação dos trabalhadores nos objectivos a alcançar) deverá ser assegurada uma planificação indicativa para o sector não nacionalizado. Aliás, os inves-

timentos realizados nos sectores controlados pelos trabalhadores obrigarão e condicionarão a própria actividade do sector privado.

A aceleração da reforma agrária e o cultivo acelerado de terrenos incultos permitirá diminuir, a curto prazo, a dependência externa da economia portuguesa no que respeita a muitos bens essenciais.

### Controle do consumo

Paralelamente, terá que ser planificado o consumo. Tal planificação passa por uma hierarquização dos consumos, eliminando consumos supérfluos, o que permitirá controlar o deficit da balança comercial.

Esta hierarquização terá como consequência a penalização de certos extractos sociais que gozam, neste momento, de privilégios de consumo. Mas a alternativa será a repressão e sacrifício de vastas camadas de trabalhadores portugueses com as consequências que se viram atrás.

As reservas ainda existentes de divisas e ouro e outros recursos obteneíveis no exterior (junto de certos organismos internacionais e mesmo de alguns países) permitirá transpor o período de montagem e



solidificação das novas estruturas de produção e consumo.

A planificação do consumo permitirá também beneficiar, de imediato, camadas populacionais que, nas zonas menos desenvolvidas, vivem abaixo do nível de subsistência. Estas camadas poderão transformar-se no próprio motor das transformações políticas.

Os atrasos neste domínio só contribuirão para uma deterioração cada vez mais grave da actividade económica.

A planificação da produção e a hierarquização do consumo permitirá libertar os meios para a aceleração do crescimento económico do sector agrícola e industrial (o sector industrial terá que ser reconvertido face às novas exigências do desenvolvimento interno).

## E O CHORO NAUSEABUNDO DOS GOVERNOS EUROPEUS

Continuação da pág. 13

do-os a desertarem, Wilson não se sente com lata suficiente...

(De notar que a lei em que os tribunais ingleses se basearão é nada mais nada menos do que feita em 1304. Estes estados modernos...)

### rússia

Os russos coitados não sabem como se hão-de haver com a "monstruosa doença" a que chamam esquerdismo. Comunistas só os de Moscovo. Mas para não ficarem atrás das social-democracias sueca e alemã viram-se obrigados a dar um ar da sua graça e aí em termos maoístas. Uma vez que os militantes abatidos não têm nada a ver com o Partido Comunista Espanhol; aí vemos os

moscovitas sem mencionarem as organizações a que os revolucionários espanhóis pertenciam a defenderem a luta do povo espanhol. O facto da Rússia proclamar somente com o atraso de 48 horas não deve ter nenhuma relação com o facto de que nos primeiros 4 meses de 1975 as trocas comerciais entre Espanha e Rússia terem atingido os 5 biliões de pesetas...



As "democracias" europeias decididamente que acabaram por se inspirar na Intersindical portuguesa. Não boicotam comercialmente a Espanha, não. Fazem greves simbólicas de 2 a 10 minutos como protesto. Além dos habituais minutos de silêncio que devem ser feitos com intenção de respeitarem o profundo sentimento religioso espanhol. E assim continuam as

campanhas eleitorais por essa Europa fora. O ministro holandês inclusivamente vai à cabeça da manifestação contra Franco. (Seguro que foi uma demonstração bem comportada). Aí, como isto deve doer aos capitalistas espanhóis que não vêem em nada alterado o número de notas de mil que têm no seu pézinho de meial Deste modo e muitos outros é usa-

da, USADA a morte violenta destes homens que foram violentos. A única forma de assumirmos o luto e de nos identificarmos com a sua morte é o uso revolucionário da violência. Porque a violência revolucionária será irrecuperável. Em todos os países da Europa em que a violência falou para contestar Franco, em que se fez uso da violência revolucionária contra a violência capitalista, foram os próprios governos que "condenam" Franco, os primeiros a condenar e julgar os revolucionários do poder que nos mesmos países fizeram arder os símbolos do poder capitalista internacional.

A violência revolucionária será sempre contestada e perseguida pelos sistemas existentes, a todos os níveis.

# DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS

## Reivindicações justas

# numa luta reprimida e caluniada pela direita

Continuação da pág. 3

portanto necessidade por parte de muitos camaradas de virem de Trás-os-Montes, do Algarve, etc, só para terem um mínimo de assistência médica.

Outra das nossas exigências, é que em Instituições do Estado ou em empresas em que a maioria do

capital seja do Estado, exigimos que nós, em igualdade de circunstâncias, tenhamos prioridade no acesso a esses empregos.

Nas reivindicações salariais nós ao princípio exigíamos uma coisa, que posteriormente teve de ser mudada, sob o risco de se perder totalmente a luta.

### O QUE SE REIVINDICA

Nós ao princípio exigíamos que houvesse para deficiência igual, indemnização ou pensão igual. Isso era o mesmo que dizer que se um major tivesse a mesma deficiência que um soldado era indemnizado da mesma maneira, e logicamente queria dizer, que pelo menos a nível de deficientes se começaria a quebrar as estruturas militaristas que existem de há muito. É claro que houve logo quem deitasse as mãos à cabeça dizendo que não podíamos quebrar assim as estruturas do exército, que isso fugia a todo o tipo de normas existentes, enfim, chegou-se à conclusão que isso que nós queríamos era impossível a não ser com a modificação total da sociedade, numa luta mais ampla, e portanto adoptamos outro tipo de reivindicação salarial.

Nas reivindicações actuais, muito se tem especulado inclusive por parte de pessoas responsáveis do governo (deste e dos outros) falando num dispêndio de cerca de 2 milhões de contos, quando isso é absolutamente mentira, isso é mais uma forma de enganar o povo e tentar virar as pessoas que nos apoiam contra nós. O que acontece na realidade, é que atendendo a que há 30 000 deficientes, e só cerca de 6 000 é que estão a receber pensão, pretende-se que todos os que não têm pensão, a vão recebendo à medida que se vão levantando os processos. Isto implicaria, no primeiro ano, portanto até ao fim deste ano, cerca de cem mil contos, no ano seguinte, cerca de 250 mil a 300 mil, e só daqui a 4 ou 5 anos, é que atingiria a verba de 2 milhões de contos.

Nós neste momento, temos diferenças de pensões elevadíssimas, e queremos acabar com isso. Há por exemplo, um camarada cego e sem dos dois braços que é de 1962-63 e recebe uma pensão de 800\$00 (1) ao mesmo tempo que há camaradas que estão a sair agora com uma pleuresia, já com pensões de 3 500\$00.

**REVOLUÇÃO** — É sabido que a vossa luta tem tido um sem número de entraves. Gostávamos de saber quem têm sido os principais responsáveis por esses entraves e de

que meira têm actuado.

**RESPOSTA** — Esses entraves, têm sido principalmente feitos por parte de entidades do governo ou de Instituições governamentais.

Houve desde recusas a recebermos, (como por exemplo por parte do Primeiro-Ministro quando da nossa manifestação a Belém) até uma tentativa (que foi em parte conseguida) de envolver, e comprometer a direcção da Associação que depois de ter feito uma auto-crítica revolucionária, saiu da luta como direcção e integrou-se nela a título individual, dado que desde princípio, na nossa organização a vontade das bases é que conta. As bases organizaram-se autonomamente, resolveram criar uma comissão de luta e como é lógico, foi com essa comissão que a luta prosseguiu.

**REVOLUÇÃO** — Qual foi o vosso processo de luta desde a manifestação a Belém em que falou o capitão Marques Júnior em vez do Primeiro-Ministro?

**RESPOSTA** — Pois nós começamos por fazer as barragens em Belém, depois ocupámos a Ponte 25 de Abril, e a seguir fizemos ocupações sucessivas em Sacavém, Vila Franca, Alverca, fizemos a paragem de 4 minutos nos comboios da linha do Estoril, onde eram dados esclarecimentos e lidos os nossos comunicados, o que tio onde fizemos ocupações, já que a nossa intenção era efectivamente esclarecer as pessoas, dar-lhes a conhecer a nossa luta, que para muitos era desconhecida, e tomar uma posição de força perante o governo que não nos prestava atenção nenhuma. Nunca pretendemos, nem se verificou sequer a "anarquia e desordem" como muitas vezes se apregoa por aí.

Chegámos no entanto à conclusão que estas formas de luta não estavam a afectar em nada o governo, que continuava impassível, e decidimos portanto ocupar a Emissora Nacional, ocupação essa que afectou, ou com a qual o governo se mostrou efectivamente afectado.

### A IDA A S. BENTO

Entretanto, soubemos que o Conselho de Ministros estava reunido, e fomos a S. Bento na tentativa de mais uma vez travar diálogo com alguém responsável. Falámos primeiro com um representante do Primeiro-Ministro, mas os camaradas que esperavam cá fora, exigiram que a conversa fosse tida com o próprio Primeiro-Ministro. Na conversa com o Primeiro-Ministro, se é que se lhe pode chamar conversa, pois ele nem nos deixou falar quando lhe demos a conhecer que ali nós tínhamos poder de decisão, pois tudo o que ali se passasse seria primeiro transmitido aos camaradas que nos esperavam, e só depois haveria decisões, o Primeiro-Ministro ficou completamente fora de si, dizendo a certa altura que nós não éramos nada, não significávamos nada neste país, que isto era "UM POVO DE MERDA", que nós "PRECISAVAMOS ERA DE CHICOTE" e que "QUANDO TIVESSEMOS UMA PIDE, QUE FOSSEMOS LA" que eles nem sequer nos ouviam.

**REVOLUÇÃO** — Como é que vocês conseguiram apoio popular que efectivamente se verificou, e quais as adesões mais significativas?

**RESPOSTA** — Atendendo a que a nossa luta é justa, e é uma luta que passa por todas as lutas do povo explorado e oprimido, naturalmente que todo o povo explorado e oprimido aderiu à nossa luta das mais diversas formas, não só através de moções de apoio, de telegramas, como também um apoio mais directo com comida, roupas, tudo o que foi possível, e um acompanhamento constante nas nossas barricadas.

Tivemos também a nível militar, desde a primeira hora, o apoio da PM, logo em Belém, que pôs viaturas à nossa disposição, prometeu oferecer-nos comida e todo o apoio de que necessitássemos durante o tempo que quiséssemos. Tivemos o apoio do RALIS, da Pontinha, Marinha e mais outras unidades de que não me recordo, mas não há dúvida que tivémos um grande apoio dos camaradas das várias unidades militares.

As Comissões de Trabalhadores também estiveram ao nosso lado, fundamentalmente da Lisnave que durante vários dias forneceu os nossos postos de luta com comida, Petroquímica e muitas outras empresas.

Quanto ao apoio de bases trabalhadoras, posso citar um facto

curioso, que foi na altura em que decorria a manifestação do PS, PPD e Retornados em direcção à Emissora Nacional, agredindo inclusivamente camaradas nossos, com a direcção do PS à frente, bases do PS, estavam na nossa sede a entregar-nos moções de apoio.

Há que destacar também a actualização dos órgãos de informação que foi sem dúvida extremamente importante. Desde a Emissora Nacional até ao Rádio Clube Português, passando necessariamente pela Rádio Renascença que esteve conosco desde o início da luta, todos os postos emissores nos deram um apoio que reconhecemos ter sido de importância básica na nossa luta.

Há neste momento uma nova tentativa por parte do governo de "interpretar à sua maneira" a luta, considerando por exemplo o número de deficientes existentes muito inferior ao real, dado que só consideram deficientes, os mutilados, na guerra, subestimando todos os outros, numa diferença de dezenas de milhar.

Temos porém a certeza, que os deficientes, continuando a sua luta e reforçando o seu processo de organização autónoma, encontrarão novas formas de luta onde continuarão a encontrar o apoio popular que até aqui tiveram.

### LISNAVE

## A última assembleia

Continuação da pág. 3

Este ambiente manteve-se até à última assembleia, realizada há ainda poucos dias. Nesta assembleia geral tudo mudou.

A assembleia começou às quatro da tarde e acabou às oito e meia da noite. Foram muitos os que falaram, e desta vez não houve os "Hus! Hus!"

Para que assim tivesse sido, sem dúvida que contribuiu muito o facto de os proponentes de todas as propostas se terem previamente reunido, para discutirem a elaboração de proposta comum. Esta nova proposta foi elaborada e aprovada para discussão.

Houve também críticas a esta nova proposta, dizendo-se, entre outras coisas, que ela era muito sumária e que ficaria

ultrapassada depois das eleições. Foi então que nessa mesma assembleia foi apresentado para discussão o Projecto dos Conselhos Revolucionários.

Os operários que apresentaram este projecto argumentaram que ele não se vinha sobrepôr ao projecto comum, mas que vinha sim completá-lo e que teria como efeito vincular os futuros delegados a sanarem as divergências, e obrigá-los a reorganizar um novo Conselho de Trabalhadores.

Assembleia Geral acabou por aprovar a proposta conjunta e a proposta de controlo operários dos CRTSM, ficando esta como anexo. Foi também eleita uma comissão encarregada de organizar as eleições.

Um Operário dos CRT's

### SETÚBAL:

Continuação da pág. 8

4 — Fora com a canalha - o Poder a quem trabalha!

5 — Reaccionários fora dos Quartéis já!

6 — Soldados sempre sempre ao lado do povo!

### SETÚBAL:

7 — Operários, camponeses, pescadores, soldados e marinheiros unidos venceremos!

8 — Transportes gratuitos para os soldados já!

9 — Abaixo o prê de miséria!

10 — Os SUV venceram os SUV vencerão!

11 — Azevedo, Veloso, Charais fora que já estão a mais!

12 — Reabertura do CICAP já!

13 — República, Renascença — Informação Revolucionária ao serviço da classe operária!

14 — Pela Ditadura do Proletariado!

15 — Em frente soldados do RIS!

# Revolução

Composição e impressão MIRANDELA &amp; C.ª - Trav. Condesa do Rio, 79 / 77 Distribuição DIG - Rio das Chagas, 2 - Lisboa

AVENÇA

A.554

CARLOS CARVALHEIRO  
Rua do Norte, 35, r/c  
COIMBRA

## EDITORIAL

● **OCUPAÇÃO DAS RÁDIOS — O PODER NÃO TEM SOLDADOS PARA FAZER A REPRESSÃO**

● **MANIFESTAÇÃO NO PALÁCIO FOZ — OS ERROS DE CERTAS CORRENTES MAOISTAS E AS LIMITAÇÕES DOS OFICIAIS. A FUR APRENDE**

● **O P.S. INVENTA UM GOLPE. OS REVOLUCIONÁRIOS PREPARAM A INSSURREIÇÃO. O PODER PRETENDE A REPRESSÃO SELECIONADA**

● **O NORTE TAMBÉM É REVOLUCIONÁRIO. OS SUV SÃO TODOS OS SOLDADOS DO PAÍS.**

● **O GDACI EXPULSA O AMI. OS PRAÇAS DA FORÇA AÉREA CONTESTAM A ASSEMBLEIA ESTRUTURADA PELO CHEFE DO ESTADO MAIOR. ONDE ESTÁ A TAL FORÇA AÉREA QUE ELES TINHAM?**

● **O GOVERNO (NÃO) GOVERNA SOBRE UMA CALDEIRA**

● **A ORGANIZAÇÃO, UNIFICAÇÃO E COORDENAÇÃO É PARA OS REVOLUCIONÁRIOS TAREFA URGENTE. A HISTÓRIA NÃO ESPERA.**

Nos últimos dias a situação revolucionária deu uma volta e podemos dizer que é agora que realmente se sente a subversão, porque foram transgredidos todos os valores e todas as medidas que

mesmo os "progressistas" têm dificuldade em aceitar. E esta subversão reina ao nível das massas.

Os soldados que chegaram às rádios e passaram a confraternizar com os trabalhadores que aí se encontravam, em vez de cumprirem a ordem de ocupação que lhes tinha sido dada, aprenderam já que toda a ordem tem de ser discutida. O actual poder (Conselho da Revolução e Governo) não tem pessoal para reprimir, por muito que esbraceje o Primeiro Ministro. Mas os oficiais "progressistas" também têm de reflectir que já não são possíveis "golpes militares" (mesmo de esquerda) fabricados nas costas dos soldados. A resposta em massa dos traba-

lhadores de Lisboa e Margem Sul a essa ocupação das rádios mostrou que os soldados não estão sôzinhos e que os trabalhadores só esperam armas para se transformarem noutros tantos soldados.

Mas essas manifestações de massas mostram-nos uma vez mais os erros de certas correntes maoistas no seio do movimento operário, as quais fazem sistematicamente o aproveitamento partidário das movimentações, criando divisão e sectarismo, afastando grande quantidade de homens mais despolitizados. No Palácio Foz isso foi patente, como também o foi a possibilidade que é dada a provocadores de se aproveitarem desse sectarismo. Este vai a par de um real recuo dessas correntes perante as situações concretas, podendo acabar por se concluir que vão atrás das massas em vez de irem na vanguarda. A posição idealista da

"criação do verdadeiro partido comunista", construído esquemáticamente fora da organização de massas, constituído com peões de xadrez na palma das reuniões fechadas, fará paralizar militantes de organizações, que a dada altura fazem todo o possível para travar o processo.

O Palácio Foz e os oficiais (uns mais, outros menos revolucionários) que à volta dele giraram e que têm nas mãos a quase totalidade das unidades militares da região de Lisboa demonstraram também que a iniciativa tem que partir das massas organizadas. O que é um benefício, porque a revolução e o poder vão-se definindo cada vez mais.

A FUR apareceu. Em relação ao controle e à coordenação que tem que ter sobre as suas próprias manifestações e movimentações e em relação aos oficiais revolucionários, em relação aos quais se pode passar a exigir clara e francamente, o estatuto de militantes revolucionários.

É perante esta avalanche de poder popular e perante os sinais evidentes de organização, que o P.S. teve de inventar um golpe ou foi levado por forças obscuras a inventar um golpe. Os pormenores do golpe têm a característica da intriga e da informação "intoxicada". Esta "inventona" não se destinava à tomada do poder pelo P.S., mas apenas a justificar a repressão seleccionada sobre revolucionários e sobre partidos. Mas a mobilização do P.S. saldou-se na presença de carros de megafone, gritando em ruas vazias, às quais não acorreram as "gentes do norte", que eles pre-

tendiam. Ficou portanto frustrado o apoio que o C.R. e o Governo procuravam para exercer repressão seleccionada sobre partidos e revolucionários.

E as "gentes do Norte" tinham uma surpresa... Alguns dias depois, os SUV e os trabalhadores vinham para a rua no Porto, protestar contra a dissolução do CICAP e daí em diante não pararam numa extraordinária demonstração de combatividade e de democracia revolucionária. O RASP, quartel ocupado e revolucionário, é um bastião que no Norte do país, lembra aos burgueses incautos que os seus discursos sobre a "comuna de Lisboa" são vazios. E também não são "comuna de Lisboa" os SUV do Alentejo, de Coimbra, de Beja, de Setúbal. Os SUV de todo o país. Que são os soldados de todo o país. O que a burguesia fedorenta do PPD ou mesmo os "progressistas" não suportam é que os "magalas", sem pedir licença a ninguém, resolvam tomar conta do país!

Por tudo isto, este governo não pode governar. Este Governo é o contrário da vontade popular. Foi posto lá pelo jogo de gabinetes, onde se jogam as alianças entre Partidos (PC-PS-PPD), sobre as quais o Primeiro-Ministro fez os seus ofícios e o Imperialismo a pressão. Os aparelhos que o poder procura para exercer a repressão custarão tempo e dinheiro. Terão que constituir bandos de mercenários se quiserem fazer funcionar o AMI. Os soldados não o querem nem sequer ao pé da vista, tal como o demonstraram expulsando-o do GDACI. Esses são

os soldados da Força Aérea que a direita tanto estimava, mas que agora se revelam contra o Chefe, contra a hierarquia. O chão foge de baixo dos pés da burguesia...

Mas este poder não cai de dre. Ele irá aprofundando a crise económica, contraíndo empréstimos ao Imperialismo, aumentando a dependência do país. Irá preparando o terreno para que se instale um poder autoritário que assumas formas fascistas e que, rapidamente, recorra a um banho de sangue e de terror. Para que a "paz e a disciplina" reinem.

Para cortar o passo a esta marcha acelerada, que a situação económica provoca é necessário que os trabalhadores e os revolucionários se organizem e que encontrem uma táctica comum. O RASP, a PM de Lisboa, o Forte de Almada, o Quartel de Torres Vedras e todas as inúmeras Unidades revolucionárias por esse país fora têm de unir-se e coordenar-se. E com elas os SUV de todo o país. E as Assembleias Populares dos grandes e pequenos centros. E a FUR, e os militantes de todos os partidos, cujas direcções se perderam em jogos táticos, abandonando a classe operária.

É dessa unificação e coordenação daquilo que já existe organização que nascerá o movimento insurreccional que há-de dar o poder aos trabalhadores. E essa insurreição é clara e à luz do dia. Podem os senhores do PS denunciá-la, pode o reformismo fazer manobras para a evitar, que nada a parará. Se a sigla desses senhores for "dirigir ou morrer" é melhor irem escolhendo um lugar de exílio.

## SETÚBAL: ASSEMBLEIAS POPULARES

Realizou-se no passado dia 13, nas instalações do INATEL, uma assembleia popular, a qual teve a participação de algumas comissões de trabalhadores, moradores, soldados e ainda cerca de 200 pessoas a título individual.

No ponto de informações o secretariado informou que os estatutos de funcionamento estavam prontos a ser discutidos em Assembleia, tendo apelado também para que as comissões presentes apresentassem os seus estatutos a fim de ser discutidos.

### SOLDADOS

Um soldado do DRM11 (Distrito de Recrutamento Militar) denunciou o saneamento de um primeiro cabo estando na origem desse saneamento uma intervenção daquele militar num plenário do DRM11, na qual ele denunciava e

punha em causa a presença de dois oficiais — o major Passos e o capitão Souto, indivíduos ligados ao 7 de Março. Nessa altura, o major Passos era comandante da PSP, responsável pela actuação das forças sob o seu comando, que carregaram sobre manifestantes contra um comício do PPD, disparando tiros de metralhadora, e assassinando um operário da Setenave. O capitão Souto era, nesse dia, o oficial de dia à Unidade militar RIS assumindo então uma posição contra-revolucionária de protecção às provocações do PS e dos "fachos" do PPD.

Ainda nesta Assembleia, a comissão de soldados lançou a palavra de ordem "saneamento dos reacçãoários Passos e Souto já" tendo apelado ao povo de Setúbal a sua união com os soldados na sua luta contra a reacção dentro dos

quarteis, intimamente ligada com a luta geral do povo português, contra o fascismo, contra o capitalismo e pela independência nacional.

### TRABALHADORES

Trabalhadores da Fábrica de Conservas "Unitas" (Setúbal), intervieram informando que depois da luta desenvolvida contra o patrão explorador, acabaram por o expulsar e ocupar a empresa. Denunciaram ainda a actuação do Sindicato das Indústrias Conserveiras (o qual tem patrões na sua direcção) a falta de apoio à sua luta e também num caso de suborno dum elemento do sindicato comprovado pelas trabalhadoras.

### uMORADORES

A comissão de moradores do

Bairro do Liceu assim como a Comissão Dinamizadora das Rendas aproveitaram a Assembleia para convocar as restantes comissões para uma reunião, onde seriam discutidos e organizados os processos de ocupação de cerca de 3000 casas devolutas na cidade de Setúbal.

### MANIFESTAÇÃO — 16-10-75

Foi denunciado o carácter visionista numa manifestação convocada por algumas comissões de moradores e de trabalhadores a realizar em Setúbal a 14-10. O divisionismo advinha do facto do secretariado do Comité de Luta ter previamente proposto uma manifestação popular para o dia 16. As comissões de moradores e trabalhadores responsáveis por esta manobra oportunista decidiram-se,

mediante auto-crítica, a desconvocar a sua manifestação.

Esta Assembleia Popular decidiu que, face à actual situação político-militar, era fundamentalmente uma acção de massas expressa através de uma manifestação. Os objectivos da manifestação centram-se na luta contra o VI Governo burguês e contra o fascismo mediante a organização do poder popular, uma grande ofensiva de massas e a criação de um Governo Revolucionário.

Foram aprovadas as seguintes palavras de ordem:

- 1 — Saneamento dos reacçãoários Passos e Souto já!
- 2 — Unir- Avançar Armar - Poder Popular!
- 3 — Governo de Direita Não - Governo Revolucionário Sim!